

UNIVERSIDADE

15

COLABORAÇÃO DE:

Luiz Delgado

Olivio Montenegro

Artur Coelho -- Charles Beaudelaire

Leonidas Leão -- Willy Lewin -- Ade-
mar Vidal -- Sebastião Maciel -- Gonçal-
ves Fernandes -- Clodio Rodrigues

Denancy de Avelar -- Anibal Rodrigues

Alfio Ponzi -- Odorico Tavares

Abelardo Jurema -- Luiz Santa Cruz

Arnobio Graça -- Nelson de Alcantara

Elijah von Sohsten -- José Cesar Borba

Rodrigues de Miranda -- Eurico Costa

2. Congresso Afro Brasileiro

-- Notas de Livros --

ANO 2

RECIFE, AGOSTO DE 1936

N. 4

340.05
R297u

A PHENIX

RUA DUQUE DE CAXIAS

244

Telephone 6203

B A R

Chopp Antartica, Gim Tónico, Whisky e
Bons Sandwiches

CASA ESPECIALISTA EM:

Conservas finas, Frutas, Dôces, Salchichas,
Queijos e Vinhos

CASA DO CONDE & Cia.

Confeitaria Elegante

ESTIVAS — BAR — SORVETERIA

Rua Duque de Caxias Nº. 281

Souza Oliveira & Cia.

TELEPHONE 6366

TELEGRAMMA "SOULIVA"

RECIFE

PERNAMBUCO

Uma Maravilha da Industria Brasileira!

**A melhor Tinta Fabricada
até Hoje**

PETROLAC

Vende-se em todas as boas casas de ferragens.

CONFEITARIA INDEPENDENCIA

Rua Duque e Caxias, 204 — Fne 6641

Casa especialista em
Comestiveis Finos, Completo Sortimento Em Vinhos,
Whisky, Licores,
Champagne, Etc.

Confeitaria e Pastelaria

ACCEITA ENCOMENDAS DE BOLOS, PARA CASA-
MENTOS, BAPTIZADOS, ANNIVERSARIOS ETC.

Casa de 1. Ordem
PREÇOS COMMODOS

Movelaria IMPERATRIZ

— DE —

CHAPOVAL & FILHO

Rua da Imperatriz, 95

FONE — 2-5-6-4 — End. Teleg. — LAVOPACH

MOVEIS DE IMBUIA DO RIO E S. PAULO
PREÇOS SEM COMPETENCIA
— CAMAS PATENTE —

Facilita-se Os Pagamentos
Recife — Pernambuco

Grande Fabrica de Conservas Marca

AURORA

NEVES, CAMPOS & Cia.

FINISSIMOS DOCES

Bananada, Goiabada e Cristallizados
Massa e Extrato de Tomate,

COLORAU, FRUCTAS SECAS, ETC

LADRILHOS HIDRAULICOS DE CIMENTO

Rua da Fundição, 15 — RECIFE — PERNAMBUCO

PARAHIBA HOTEL

Praça Vidal de Negreiros

JOÃO PESSÓA

Estabelecimento de 1. ordem com elevador e agua cor-
rente em todos os aposentos.

Camara Frigorifica

As COLABORAÇÕES
SERÃO SOLICITADAS

boletim
universidade

Redação: Rua Barão de S. Borja 115

— RECIFE —

DIREÇÃO DE: RODRIGUES DE MIRANDA e ALFIO PONZI
REDATOR SECRETARIO CLAUDIO RODRIGUES

ANO 2

Agosto, 1936

U. F. P.
FAC. DE D. R.
BIBLIOTECA

NUM. 4

1433 11-8-81

Introdução a uma conferencia imaginada

Entre as atividades que se possam propôr a uma intelligencia nos dias de hoje, poucas terão a gravidade, o alcance e, por isso mesmo, a fascinação da tarefa de contribuir para uma reabilitação das ciencias juridicas.

No meio de um mundo que cada vez confia mais na força economica e na força fisica, muita gente se envergonha de confiar no direito. As leis parecem ter-se contaminado ao contacto com o jogo mesquinho dos parlamentos. Os defensores dos Estados absolutos deixam uma impressão muito mais nitida de sinceridade e lealdade e beneficiam-se disto, ainda que vá uma distancia infinita entre ser sincero e estar certo pois com um erro pode coexistir, accidentalmente, a maior honestidade do mundo.

Si isso acontece no terreno politico e legal, acontece tambem no terreno economico e tecnico. A facilidade com que se movem grandes massas de riqueza e se conseguem resultados industriaes maravilhosos, deu á humanidade uma consciencia desmedida do seu poder. E o homem que maneja forças enormes, não se submete mais de bom grado áquella disciplina e áquele vagar que a verdade requer para fazer a menor de suas revelações. O velho erro filosofico do relativismo da verdade toma, assim, na ordem pratica e acrescentando-se a esse conceito exagerado do homem, uma feição nova: conhecendo a honestidade psicologica de suas intenções, a expontaneidade de seus instintos, o homem pensa-se senhor da verdade — da "verdade" que é o seu desejo. E os meios poderosos que tem ao seu alcance, suscitam-lhe a tentação de implantar a "verdade". Os doutrinarios da força soltam-se, então, pelo mundo.

No entanto, a verdade exige disciplina na intelligencia e humildade no coração: como poderia ser arrogante ou impetuoso quem procura acertar e conhece os perigos de erro de que está cercado? Ora, essas duas virtudes contrariam os instintos fundamentais do homem tipico dos nossos tempos. E o direito que é a realização, na vida pratica, desse aspecto da verdade que é a justiça, começa naturalmente a ser menosprezado.

Não o seria, porem, tanto quanto agora se vê, si os cultores do direito, os seus teoricos ou os seus praticos tivessem — eles, pelo menos — mantido a fé necessaria no ideal a que deviam servir e uma consciencia clara de sua natureza.

Na vida juridica, demonstra-se tambem o antigo brocardo de que a corrupção do que é otimo não produz apenas o máu: produz logo o pessimo. A ligação in-

tima e imediata do direito, disciplina pratica, com principios intellectuais superiores, com a verdade e a justiça, dá-lhe uma excepcional significação, e o esquecimento ou a deturpação daqueles principios provoca um verdadeiro envenenamento social. É quando a legislação passa a ser o acobertamento de interesses pessoais e a jurisprudencia e o magisterio, a exibição — em boa hipotese — de eruditos vaidosos. A especificidade dos argumentos e a quantidade das citações dão brilho aos discursos e aos livros. Os oradores, os autores satisfazem sua vaidade, na defeza de seu ponto de vista pessoal, quando não de seu lucro. Só não se lembram de que talvez a teoria aplaudida não esteja de acordo com a vida social, não alivie os seus males, não seja aquele elemento de construção que está na indole e na finalidade do direito.

Porque os juristas, desde alguns seculos, negaram e desconhecaram essa dignidade do direito ou não souberam determinar os fundamentos racionais e filosoficos dela, — não é de admirar que politicos, soldados ou industriaes andem agora a zombar dos juristas e a fazer deles uns casuistas profissionais que justificam tudo... Justificam, porem, diante de que? Si ao menos fosse uma justificação diante da verdadeira justiça, decorria uma certa confissão de erro e uma certa nobreza (muito pouca) de nossa tarefa. Trata-se, porem, apenas de justificar diante das multas e das penalidades... Não nos enganemos: para grande porção da humanidade de hoje, a lei é uma armadilha que um partido prepara contra os outros e os governantes preparam contra os cidadãos, e a advocacia é a arte de escapar dela. As Escolas de Direito não são mais do que o campo de preparação para essas duas habilidades deshonorosas.

O Direito está, portanto, desprestigiado como elemento de eficiencia social e desprestigiado como exercicio de algumas das mais altas qualidades humanas. Tudo isso, porem, seria pouco grave si aqueles a quem incumbe defendel-o não tivessem sido os primeiros a falsear-lhe os fundamentos racionais, a pretender explical-o com doutrinas não só deficientes mas totalmente contrarias á sua essencia.

Reagir contra tudo isso numa epoca sequiosa de exitos imediatos e enamorada da rapidez de ação das forças brutas, reclama uma fé profunda no direito e uma serena galhardia intelectual. Nada mais belo para se fazer. E para isso se deve chamar os moços.

L U I Z D E L G A D O

O CONVITE A' VIAGEM

Charles Beaudelaire.

Ha, contam, um paiz soberbo, um paiz de Cocanha, uma Terra de Promissão, que sonho visitar com uma velha amiga. Paiz singular, afogado nas brumas de nosso Norte, e que bem se poderia chamar o Oriente do Occidente, a China da Europa, tanto a quente e caprichosa imaginação se deleitou em orna-lo, tanto ella paciente e pertinazmente o illustrou com sabias e delicadas vegetações. Um verdadeiro paiz de Cocanha, onde tudo é bello, rico, tranquillo, honesto; onde o luxo se apraz com mirar-se na ordem; onde a vida é abundante e doce para se respirar; onde as luctas, a turbulencia e o imprevisto estão proscriptos; onde a felicidade está casada ao silencio; onde a propria cozinha é poetica, fertil e excitante a um só tempo; onde tudo se parece contigo, meu anjo querido. Conheces acaso esta doença febril que se apodera de nós durante as feias misérias, esta nostalgia do paiz que se ignora, esta angustia da curiosidade? Ha um continente que se assemelha a ti, onde tudo é bello, rico, tranquillo e honesto, onde a phantasia construiu e decorou uma China occidental, onde a vida é doce para respirar-se, onde a felicidade está casada ao silencio. É lá que é preciso ir viver, é lá que é preciso ir morrer! Sim, é lá que é necessario ir respirar, sonhar e augmentar as horas pelo infinito das sensações. Um musico escreveu o "Convite á Valsa"; quem comporá o convite á Viagem", que se possa offerecer á mulher amada, ou á irmã eleita? Sim, é nesta atmosphera que seria bom viver, lá longe, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relogios sôam a felicidade com mais profunda e mais significativa solemnidade. Sobre caixilhos scintillantes ou sobre guardamecins, ambos duma opulencia sombria, vivem discretamente pinturas beatas, calmas e profundas como as almas dos artistas que as crearam. Os poentes, que com tanto requinte colorem a sala de jantar ou o salão, se coam atravez de bellos estofos ou de altas janellas primorosamente guarnecidas, que o chumbo divide em numerosos compartimentos. Os moveis são vastos, curiosos, esquisitos, armados de fechaduras e de segredos, como almas quintessenciadas. Os espelhos, os metaes, os estofos, a ourivesaria e a faiança, tocam para os olhos uma syphonia muda e mysteriosa; e de todas as cousas, de todos os lados, brechas de gavetas ou pregas de estofos, se escapa um

perfume singular, um "revenez-y" de Sumatra, que é como a alma do apartamento. Um verdadeiro paiz de Cucanha, digo-te, onde tudo é rico, proprio e rutilante, como uma bella consciencia, como uma magnifica bateria de cozinha, como uma esplendida ourivesaria, como uma joalheria polychroma! Os thezouros do mundo para elle correm como para a casa do homem trabalhador e que bem merece os beneficios e a confiança de todos. Paiz singular, superior aos outros, como a Arte é superior á Natureza, onde o sonho a reforma, ou a corrige, ou a adorna, ou a retoca. Que procurem, que procurem ainda, que recuem incessantemente os limites de sua felicidade, esses alchimistas da horticultura! Que proponham preços de sessenta e de cem mil florins para quem resolver seus ambiciosos problemas! Eu, porém, acabo de encontrar minha "tulipa negra" e minha "dhalia azul"! Flôr incomparavel, tulipa reencontrada, allegorica dhalia, é lá, não é, neste bello paiz tão calmo e tão melancholico, que seria necessario ir viver e florir? Não estarias enquadrada na tua analogia, e não poderias mirar-te, para fallar com os mysticos, na tua propria "correspondencia"? Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais a alma é ambiciosa e delicada, tanto mais os sonhos a afastam do possivel. Cada homem traz em si sua dose de opio natural, de continuo secretada e renovada; e, do nascimento á morte, quantas horas contamos cheias pelo goso positivo e pela acção firme e decidida? Viveremos sempre, brincaremos sempre neste quadro que meu espirito pintou, neste quadro que se assemelha a ti? Esses thezouros, esses moveis, este luxo, esta ordem, estes perfumes, essas flores miraculosas, tudo isto és tu. És tu ainda, esses grandes rios e esses canaes tranquillos. Esses enormes navios que os singram, abarrotados de mercadorias, e donde sobem os cantos sonoros da manobra, são os meus pensamentos que dormem ou que rolam sobre o teu seio. Tu os conduzes docemente para o mar, que é o Infinito, reflectindo as profundezas do céu na limpidez da tua bella alma; e quando, fatigados pelo marulho, tumidos dos productos do Oriente, voltam ao porto natal, são ainda meus pensamentos enriquecidos que do Infinito regressam para junto de ti.

Traduzido por MOACYR DE ALBUQUERQUE

O SALARIO MAXIMO

ARTHUR COELHO

A 2 de Junho a Suprema Corte de Justiça dos Estados-Unidos lançou sua ultima sentença contra uns restos de legislação do finado New Deal. Nessa data foi condemnada a lei estadual que regulava o salario minimo nas lavandarias de Nova York, onde trabalhavam quasi que exclusivamente mulheres. Duas semanas antes, a 19 de Maio, havia aquelle egregio tribunal guilhotinado um dispositivo semelhante a lei Guffey por meio da qual systematizava o preço do carvão nas minas e, extinguindo a competencia desleal — quasi sempre mantida á custa do suor dos mineiros — fixava ali o salario minimo.

Em ambos os julgados condemnatorios, a inconstitucionalidade foi o motivo. Quando a Suprema Corte se decidiu pelo voto de 5-4 contra a lei Guffey, fê-lo para manter o que preceitua a carta politica americana, que não permite a ingerencia do federal no estadual, a não ser nos casos de calamidade ou para a salva-guarda do "bem publico"; e a regularização de preços e salarios, decidiram os juizes do voto vencedor, é questão toda ella da competencia estadual.

Conhecidas antigas pendencias havidas em torno da divisão de poderes entre o federal e o estadual, essa decisão contra a lei Guffey era mais ou menos sperada, embora o parecer da minoria, dado por quatro juristas dos mais emeritos da Suprema, não visse nenhuma violação da letra constitucional no dispositivo que a insignificancia de um voto a mais vinha invalidar.

Mas, se essa decisão era tida como possível — por tratar-se do tabu federal — que dizer da que pôz por terra o salario minimo das lavandarias de Nova York, que destruiu tambem, por analogia de caso, dispositivos identicos existentes em dezeseite outros estados?

A lei Guffey foi derrotada porque era federal e por ser do estatuto que isso de regularizar salario é negocio interno dos estados... No entanto, quando um estado, como Nova York, toma a si essa missão, e legisla regularmente uma lei de salario minimo, procurando dessa forma, num dado ramo industrial, crear uma retribuição mais humana para os que ali trabalham, vem a Suprema Corte e deita por terra a medida perfeitamente constitucional e estabelece com isso uma palpável confusão de principios. Por que? O juiz Butler, relator da sentença, explicou que a lei estadual peccava contra a garantia constitucional do "due process of law" e assim affectava a liberdade dos contractos. Essa sua interpretação deu motivo ao juiz dissidente Stone dizer, com muitissima razão, que "os salarios nem sempre são o resultado de um contracto liberalmente estabelecido entre trabalhadores e patrões; contrariamente, os salarios são muitas vezes impostos pelos contractadores, quando as condições economicas do operario não permitem reagir, mas simplesmente aceitar".

E' esse, precisamente, o criterio sob o qual deve ser apreciada aquella sentença de 2 de Junho. No caso das lavadeiras, por exemplo, ellas tinham que aceitar, como por sua situação precaria vinham aceitando, o salario pequenissimo que os patrões queriam pagar, sem que lhes restasse nenhum tribunal a que apellar. Poder-se-á honestamente alludir á "santidade dos contractos", quando de um lado ha gente necessitada, que se sacrifica pelo trabalho, e do outro estão homens acostumados a tirar proveito dessas penosas situações e a conseguir sempre, livres de qualquer coação, o maximo de esforço e pontualidade em troca da paga mais reduzida possível?

As operarias em apreço percebiam 10 dólares por semana; pelos dispositivos da lei estadual, discutida e regularmente adoptada, essas lavadeiras entraram a ganhar 13 dólares. Depois da decisão da Suprema Corte voltou o salario ao minimo dos minimos, embora alguns patrões, consciões de que não era exagerado o augmento de 3 dólares pelo serviço recebido, tivessem mantido voluntariamente o estabelecido pela lei defunta.

E' esse o estado presente da regularização dos salarios minimos nos Estados-Unidos. Já não ha dispositivo de lei a que recorrer. Agora só a greve, nos ramos industriaes onde existe cohesão operaria, poderá exigir os beneficios que a lei visava.

Entretanto, se assim se dá com o jornal do trabalhador comum, outra é a situação existente nas camadas rarefeitas das industrias, lá onde gravitam seus presidentes e vice-ditos, cujos salarios fabulosos nenhum poder procurou ainda systematizar.

Vejamos de relance a situação dos salarios maximos.

Nos annos da guerra e até 1920, conforme foi verificado por uma investigação do Senado, havia nos Estados-Unidos 184 chefes industriaes que percebiam, cada um delles, mais de um milhão de dólares de salario por anno. Esses senhores, tão fartamente apacatados, pertenciam na sua maioria ao grupo dos "ricos da guerra" e não deviam ser confundidos com a centena de millionarios da categoria dos Astors, Vanderbilts, Rockefellers, Fords, Reynolds e esse colossal snr. André Mellon, cuja fortuna só um astrónomo pode calcular sem desfallecer de tonturas.

Segundo outra investigação senatorial, cujos resultados foram dados a lume pelo N. Y. Times de 27 e 28 de Fevereiro de 1934, milhares de grandes industriaes receberam salarios fabulosos nos annos da grande prosperidade. Alguns delles não soffreram nenhuma redução até 1931, porque, embora em plena crise, continuavam a fazer as mesmas retiradas, tudo de accordo com a entrosagem da lei das corporações. Essa lista de salarios, que enchia duas paginas compactas do Times, começava com os assalariados de \$50.000 annuaes, culminando nos cavalheiros cuja paga passava de um milhão.

Pondo de lado os salarios de centenas de felizardos que percebiam nessa época mais de \$1000.000 dólares annuaes, dirigimos, a vista, por exemplo, á Bethlehem Steel Corporation, a formidável fabricadora de aço, cujo presidente, E. G. Graco, tinha em 1928 o salario fixo e pequeno de \$12.000 dólares annuaes, mas de bonificação recebia elle \$831.445 dólares; em 1929, os mesmos \$12.000 por anno, mas a bonificação chegava á cifra atordoadora de 1 milhão 625.753 dólares; em 1930 (já entrado o paiz em crise), \$12.000 dólares de salario e 1 milhão 15.591 dólares de bonificação. Entretanto, em 1931, como a renda da companhia já lhe não permitisse senão um bonus de \$166.795 dólares, Mr. Graco, de certo cansado da miseria daquelles \$12.000 de ordenado, passou-o de um salto para \$101.001 dólares — tudo muito bem e bonito, sem protestos nem decisões em contrario!

As companhias de cinema, tambem dominadas pelo nabismo, davam a seus presidentes e vices-presidentes — e cada empresa tinha meia dúzia delles — salarios e bonus que andavam pertinho da casa dos milhões.

No capitulo salarios bancarios, temos o caso do Chase National Bank, cujo director, Albert H. Wiggin, recebeu nos annos de sua gerencia 1 milhão 92.000 dólares de salario e \$275.000 de bonificação. Por outro lado, Charles E. Mitchell, presidente do City Bank, recebia nos tres annos de 1927 a 1929 o total de 3 milhões e 500.000 dólares de salario e bonificação!

Ahi está. Contra os tres dólares por semana, que a lei do salario minimo mandava dar a mais ás lavadeiras de Nova York, invocou-se a Constituição e houve uma sentença da Suprema Corte (dita de justiça!), que acabou com isso, por ser inconstitucional e por attentar contra a praxe dos contractos... Entretanto, nunca nenhum protesto dahi se levantou contra o absurdo dos salarios maximos — que permitia e permite que esses leões industriaes se empapem das boladas de um milhão por anno!

Com effeito, para alguns este é o melhor dos mundos!

(Nova York: Julho de 1936).

MUNDO INTERIOR

GONÇALVES FERNANDES

Agrício conta que o guarda ouviu mais a enfermeira: não foi o zunido, ia e vinha raspando no patêo, só o bute, assim. Parecia um ronco fino cortando o ferro bem longe, crescendo na carreira, ficando grosso, enchendo tudo, roncando. Ia afinando, ficava mais baixo, murchava depois, parecia uma sempre-viva dentro da gua afinando.

— A colônia, aí meu pai — é a vez de Agrício, está pegando fogo, atalhe, sou elite, parente dos Rocha, digo tudo isso meu pai mas os médicos não dão jeito. Ah! esses filhos da mãe.

Albert tem as reações positivas no liquor, um odio perdido pela mulher, uma patente de capitão da guarda nacional, vestiu até a farda velha para ver se assim não vinha para cá. Veio mesmo.

Os anos branquearam seus cabelos, amortececeram seus olhos, mas quem disse que a sua conversa não é a mesma?

A malária não conseguiu curá-lo mas de mistura com drogas fez a doença não ir para deante.

Albert ri de Agrício, fala para o guarda-chefe — vamos ao gamão? (não ha outra coisa mais perto para chatear o aperiado neto dos Rocha.

Seu Luiz diz que sim. D'spõe as pedras, bate com os dados. Agrício se exaspera, cadê os médicos que não endireitam esta joça, é a sua fala. Esfrega as mãos no rosto, sai danado da vida.

Os dados batem no taboleiro, as pedras correm no taboleiro, as horas correm como as pedras do taboleiro.

O cheiro do monguzá vem da cosinha enchendo o corredor, entrando pelos pateos. Joca bota a cabeça fóra do quarto, o nariz se enche todo do cheiro gostoso, bate nos peitos, desce as escadas correndo.

Albert ri um riso demorado, cheira entre os dedos, tirado da latinha de brilhantina vazia, o torrado feito demanhásinha num caco de côco. Ganhou para o guarda a tarde toda. Mostra a latinha de brilhantina vazia e diz: podia ser até de ouro si Bebinho não me roubasse a apozentadia, milhares de contos de reis... ora, milhares...!

Sai gingando para o refeitório, outros doentes descem o alpendre para a sala de jantar.

Agrício no seu quarto decompõe o mundo todo, chama nome ao guarda que vem buscar o herói para o monguzá, jura queimar o gamão, botar fóra com pedras e tudo, como fez o mez passado com os dados. Ah! fogo.

Dona Maria toda geitosa vem buscar Agrício, enfermeira boa, embora só fale difícil. O herói chama ela rapariga, negra besta, cada nome...

O barulho que José continua com a mesma indiferença com que bate ou abraça aos guardas, cada vez mais se ouve no patêo. Agora repete trechos de um discurso marxista que um preso político que enloqueceu recitou hontem a tarde toda.

O guarda-chefe comenta para a enfermeira: si o comunista passar mais duas semanas converte os doidos todos. Ri com a enfermeira das idéas dos doidos, ri da piada, tudo lhe parece tão simples...

O monguzá já escorreu todo dos caldeões grandes para os pratos de agath das duas seções, das colheres de alumínio para as guelhas de cento e sessenta almas.

O fogo amortecido entrete somente agua morna nas serpentinas. A preta gorda, dessas tão raras, cozinheira-chefe, já despiu o avental, já não traz a toalha no braço nem casquete no quengo. Enchuga a testa lustrosa, mexe com as cadeiras andando para casa.

As lampadas em meia voltagem limitam os patêos, as enfermarias, os dormitórios.

— Melhora zunido, passa logo danado. Providenciem agora que não ha fogo. Mas deixa bute!

— Será o bandido do medico que está botando sal de cozinha em volta do meu coração, que bate, veja D. Maria, de duas em duas vezes. Uma é por causa da Virginia e a outra por minha mãe. Ela já teria sido Virginia?

Ha é muita magia que preciso descobrir. Os quebra-cabeças dos almanaques, todas as linguas mortas, todos os mapas de estradas de rodagem e de caminho de ferro, viagens á vela nas ondas do mar, barricas e barricas de óleo de figado de balcão.

— Imagino em que mar ficou Virginia.

Uma voz: precisa-se modificar o regime desta colônia. Que falte na administração uma cabeça, mas eu quero os braços e as pernas para construir cadeiras mesmo sem encosto ou de balanço.

Outra voz: Albert dava mais era um diretor em cima. Isso sim.

— Onde está Virginia que o sal me afoga? Os loucos me cercam, os medicos com magicas terríveis, um habeas-corpus que as leis me garantem não me dará o meu plasma? (que levaram em caixas de chumbo lá na Tamarineira do Recife).

— Profeta, danou-se, você me diga quem me queimou por dentro a cabeça com fogo vivo de longe, de dentro das casas?

— Meu Deus me diz que você não me chame profeta. Você é monstro, fala Braz.

O profeta queda-se no varandim, levanta os braços, sobe os olhos, mexe com os labios.

— O profeta vae falar com Deus enquanto o sal me afoga o coração. Virginia vem de longe tocando guizos nas nuvens. Vem depressa dizer com a boea que mal escuto!

Braz veja a voz de Virginia, me diga depressa o que ela me fala! (Braz ocupado com Deus nem liga á minha pessoa...) Cadê os archanjos?

Vem Virginia que não me escutam, vem depressa que o fogo me tosta!

— Quebrei já dois canecos de aluminio, botei fóra já duas pedras de gamão, não tinha jeito.

O poeta Sylvio bate versos a esta hora na remington da secretaria, com dois fins: um é martelar o meu cerebro com o barulho mesmo das metralhadoras.

Uma voz: Constroi-se um casino, uma adega e um...

— Ah! si eu não fosse mofino. Amassava a remington como amassei os canecos, é a fala de Agrício.

— Cadê os cangaceiros dos Rocha?

— Dr. Ronildo foi falar que eu era mofino... pronto.

Mas Antonio bem que me tira desta colônia com esta carta ao presidente. Intervenção divina salvei este paiz!

Os enfermeiros do quarto, os doentes

divididos pelos dormitórios, os cronicos ambientados resonam nos leitos, outros deitados parecem dormir de olhos abertos, miram uma cena que só existe no seu interior, muitas cenas, fatos e cousas reaes e irreaes, livres de condições.

Aquele rapaz parece um feto. Está todo enrodilhado, as coxas coladas nos peitos, as pernas unidas ás coxas envoltas pelos braços colados.

O pateo do dormitorio retem nos seus bancos os que acham de não dormir e miram o céu estrelado. Do outro lado gritam dois agitados nas banheiras mornas, ouve-se a agua batida, salpicada nas paredes, vasculando dentro da banheira. Os gritos se espaçam, as vozes vão se amortecendo.

Uma estrela correu no céu riscando um traço de giz recurvado e longo que se apagou por si mesmo.

Braz olha a estrela, reza baixinho. Levanta os braços para o alto. Olha para o alto, seus olhos esbugalhados ficam parados.

Chicão também não dorme. Está de cocoras brincando com os dedos, riscando no azulejo, matutando.

Albert bota a banguela de fóra, ouve Agrício falando só — as bussolas perdem o norte, os ventos mudam, cadê a rosa dos ventos? Só Virginia é constante em todos os paralelos.

— Esse Chicão é diferente dos outros. Também não é louco, diz Albert. Ah! Quando eu sair daqui... Boto tudo na cadeia. Dr. Ronildo, Dr. Fernando, até os guardas.

Chicão murmura: não me farão voltar á seção de marcenaria. Não sou condenado de crimes monstruosos, não entendo da gé-gé-gé-gé-ometria, cadê que o profeta trabalha. Não é Braz?

Esse Braz parece mas é louco. Ou será mesmo que conversa com Deus? Agora eu só ouço é insultos danados de mil diabolos e bi-bi-bi-chinhos... soprou. Faltam poucos dias para 26 de junho. Si Braz fór mesmo profeta é danado mesmo. Deus queira que ele seja mas é doido ou mentiroso, doido e mentiroso é muito triste...

Já não faltava o diabo e fogo ainda por cima!

Agrício olha a lua: ah! só pode ser Virginia coberta de gaze ao lado do bailarino despido e raspado, ou estatua de gesso.

Ou será Jorge montado numa burra no meio da lua, vagando no espaço?

O profeta só agora baixou os braços, só agora baixou os olhos para a terra. Repete: o mundo vae acabar em junho, no dia vinte e seis, ás quatro horas da tarde.

Suas palavras caem soltas no meio do silencio do patêo.

Continua: pela manhã serei morto, ao entardecer serei enterrado, e logo em seguida vinte e seis estrelas aparecem de cada canto do céu e caem na terra e pronto. Os monstros ficam agonizantes estrebuchando no chão, uma agonia danada até pagar os pecados..., Dr. Ronildo é monstro, monstro esquezito, metade diabo. Dr. Fernando é monstro, também. Todos são monstros.

Braz cobre a cabeça com as mãos largas, recosta-se no banco, sóbe os pés no banco, reduz seus dois metros de altura a um bolo de gente.

— Trecho de uma novela em preparo, reflectindo a vida dos eschizophrenicos dos "Hospital Colonia Juliano Moreira". —

SYMBOLS DE MOBILIDADE HUMANA

Ademar Vidal

Sobre a personalidade de Gaspar Martins fez João Neves da Fontoura um interessante estudo. Menos uma biografia do que uma análise de sentido político-social. Os vários aspectos de uma quadra de nossa história são encarados com aguda penetração de espírito de crítica. Não é só a figura do tribuno que prende a atenção nos seus arroubos de coragem e de talento improvisador; são sobretudo os "a propositos" que servem de pretexto para comentários de ordem nada regional.

Estudo que se apresenta com os vivos sinais do que geral e humano.

Vale a pena a gente se demorar na apreciação do trabalho de João Neves da Fontoura. Se este escolheu Gaspar Martins para criticar com tanto carinho é porque se sente semelhante a ele sem mesmo o saber. Na realidade, se existe um parentesco muito próximo entre os dois no que diz respeito ao talento, á bravura pessoal, ás atitudes á descoberto, ao temperamento político. "Eu sou o jequitibá da floresta e o machado que me cortar ha de sahir dentado". Gaspar Martins falava assim de si mesmo tanta a confiança ele tinha nas suas ferozes qualidades de ofensiva. E João Neves bem poderia fazer suas taes palavras na certeza de que não estaria em erro.

Na tribuna atacava o adversario com o fito de esmagar. Agia sem piedade. "Os homens politicos são como os arrois. Puros e cristalinos brotam da rocha viva. Á medida que engrossam, vão tomando a côr e o sabor das terras por onde passam, até entrar no oceano que os salga e lhes tira o nome..." Eram dardos significando alusões vingativas. O tempo comportava lutas pessoais. O Rio Grande fervia nas suas propen-

ções revolucionarias. Gaspar Martins se movimentava livremente na audacia do verbo impetuoso. Era dotado daquelas virtudes da pusilanimidade (de que fala Ortega y Gasset e lembra João Neves), mas das grandes virtudes magnanimas, indispensaveis ao homem de Estado. Virtudes que não "as praticou para o gozo do poder, nem as cultivou como systema de ação". Era um apaixonado da liberdade pelo que esta se mostra no ilusorio sentido liberal. Era um fascinado do regime parlamentar pelo que este revela de sedutor quando praticado com perfeição como na Inglaterra.

Na sua admiração, o atual "leader" da minoria não se deixava levar pelo exagero, antes se prende á estrita verdade, expressando-se com uma segurança digna de nota. "Para medir a influencia de Gaspar na vida do Brasil, fôra preciso suprimi-lo. E como, si ele não tivesse nascido, teria sido diferente o curso dos acontecimentos! A galeria dos homens de Estado e dos oradores parlamentares honraria qualquer nação, mas sem Gaspar faltar-lheia o impeto, que sacudiu o convencionalismo dos debates e acelerou a marcha das reivindicações liberaes. Era uma legião. Pertencia áquela raça de homens em que se concentram gerações. Com eles, a historia "brule les étapes". Viveu a cem graus de temperatura. Contagiou as massas, impregnou o cenario da sua personalidade, adeantou os relogios. E acrescenta: "A sua estréia na Camara não tem paralelo na cronica do paiz. Disraeli começou sob apupos e assobios. Gaspar no primeiro dia como que alucina o plenario e enlouquece as galerias".

O espetáculo deve ter sido realmente empolgante. O

velho Visconde Taunay chegou a comparar os impetos do tribuno "a um verdadeiro estouro, assim especie de cauda de furioso pampeiro a entrar por todas as janelas e portas do casarão da Camara dos deputados, furacão a fazer estremecer o antigo edificio da cadeia dos tempos coloniaes, infundindo pismo, quasi terror". O depoimento é significativo. Talvez seja até de um adversario. Então se fazia mais justiça, apesar da furia que sempre envolvia as lutas politicas que resvalavam para os insultos pessoais.

O sr. João Neves da Fontoura, como dissemos acima, não se deixa levar como biografo sêco, prezo ás datas, fazendo análise, demorando o pensamento na fixação dos fenomenos. "Só fala bem quem harmonisa, numa hora de extase, o mundo dos pensamentos, que transmite, com a receptividade dos auditorios. E é desse contato imperecível que brota a compreensão reciproca. O grande orador é um tradutor verbal de sentimentos, transforma em palavras a muda inspiração dos ouvintes. Demostenes e Cicero foram modelos, porque souberam interpretar os anseios e necessidades da época, dando a cada episodio a côr que jazia na retina dos concidadãos. Cada hora historica tem verdadeiramente um clima, que lhe é proprio. Adivinhal-o, transporta-lo na magia das orações e devolve-o á assistencia é o segredo do triunfo. Gaspar descobriu esse segredo, que o exaltou entre os contemporâneos." O critico fala com conhecimento proprio. Sabe que muita vez ou quasi sempre a harmonia de pontos de vista do orador com o auditorio gera a victoria. Faz o sucesso do heroe dentro do ambiente.

Não se perde nas considerações do tema. O brilhante "leader" que é também um notavel homem de letras gosta de generalizar o comentario. Teme a estreiteza. Prefere e ama a amplidão para melhor demonstrar a riqueza de seu espirito de crítica. "Verdadeiramente a eloquencia é uma obra de cooperação. Pode ser um escritor insigne quem fala uma linguagem acima da media dos seus concidadãos. Não será jamais um orador, que arraste as massas, mesmo que lhes sobre os dons da inteligencia e da palavra.

As multidões só se sensibilizam, quando milhares de cerebros como que se concentram em dado momento nos mesmos labios". A sua paixão tribunicia é tamanha que não esquece o famoso conceito de Steed — digam o que disserem, o governo do mundo ainda é dos que sabem falar. Não ha necessidade de demorarmos á procura dos factos. Nem precisa olharmos o passado. Basta o presente. E por serem tipos do maior vulto citaremos os chefes da Allemanha e da Italia que chegaram ao poder por força da oratoria espetacular. A ideia não é nossa, é de André Gide.

Foi Joaquim Nabuco quem melhor disse de Gaspar Martins. E João Neves parece concordar plenamente, pois escreveu esta frase: "fotografou-o a primor". Nota-se de parte do pernambucano diplomata e parlamentar uma certa restrição não explicada, mas que dança no ar. "Ele é o proprio auditorio, a sua propria claue; respira no espaço ilimitado da sua individualidade, da sua satisfação intima, dos seus triunfos decretados com justiça por ele mesmo e depois homologados pela mas-

DECADENCIA OU RENASCIMENTO?

Leônidas Leão.

O notavel filosofo alemão, recém-falecido, que em alto e profundo estudo mostrara a decadencia da civilização ocidental, não foi unico. Suas concepções arrebatadas que em grande parte foram esmagadas pela reação, subsistem no restante... e com proselitos mais e mais vigorosos. Refiro-me a Spengler.

O critico singular contemporaneo — Agripino Grieco — ao tratar da literatura novelesca da Inglaterra em os dias que correm, tachou-a de fruto arruinado d'u'a mentalidade morbida e decadente. E ainda que o absoluto critico não mais dissersa, entretanto depreende-se que este fruto corrupto é pedido para o gosto embotado duma geração farta. Para despertar emoção no temperamento relaxado duma sensibilidade doentia.

Alás acresce que essa face da literatura britânica não se limita aos livros, mas repercute nas obras de teatro e de cinema.

O renomado escritor Tristão de Ataíde, num artigo de jornal, põe a claro essa mesma propensão do gosto extravagante e requintado da epoca. Aludindo ás corridas automobilísticas desastrosas, ultimamente realizadas, assaca á pedagogia moderna dos desportos, ao espirito liberal da educação do tempo, a culpa da provocação deste apetite bestial e degenerado do instinto humano para a hipertrofia da sensação.

Essa luxuria desportiva de provas fantasticas e alucinantes é o indicio vivo do abeiramento do abismo em que se precipitará a civilização. E aí, no mesmo artigo, lembra que, em vespera da hecatombe do Imperio Romano, as diversões do circo, com as cenas sangrentas da perseguição aos cristãos, foram os prenuncios da derrocada sinistra.

E um dos maiores juristas por estas terras, professor da Faculdade de Direito do Recife, apregoeou que as urgentes necessidades da vida hodierna determinam uma cultura apressada e falha, que só se faz conhecer atravez de publicidades bombasticas. As culturas solidas e reconhecidas são preteridas.

A arte, na totalidade, na plenitude de suas manifestações, reflete essa inferioridade flagrante. A poesia, com a estulta e louca forma futurística, queda inexpressiva. A pintura e a escultura, de linhas rétas e angulos geometricos definidos nivelam-se e

constituem-se numa igualdade de formas, fatidicamente harmoniosa. E a musica, insensata e extravagante, causa fremitos arrepiantes.

Nenhum destes pensadores insignes aqui registados expediu uma opinião erronea ou viciosa. Suas observações são justas e perceptíveis á mais leve penetração.

No entanto, todos viram por um unico prisma as coisas diversas na sua propria unidade, levados por um sentimento dominante. E assim emitiram um parecer unilateral.

O primeiro, já refutado nas suas afirmações mais categoricas e relevantes, foi aqui apontado apenas para o historico da exposição. Spengler.

O segundo, o personalissimo Agripino Grieco, quis salientar tão somente uma face da mentalidade inglesa contemporanea, mas uma unica face. Kipling, alem de tantos, foi um egregio crador de mitos morais. Creador. Wells é um extraordinario vidente. Suas concepções fantasticas são os prenuncios do futuro proximo. A cerebração de Wells é tão grande como a de Shakespeare. Este teve o engenho de, no tempo do romantismo, produzir dramas humanos e aquê, o da insatisfação da tensão aguda da tecnica moderna, imaginar o que ha de vir posteriormente.

O sr. Tristão de Ataíde limitou-se a um efeito de predica. Profligando os excessos do desporto, só fez pregar doutrina velha e revelha, pois que ha muito se diz: "todo abuso é vicio". Demais é tambem processo da Igreja excitar a sensibilidade, com locubrações febris em torno de castigos do inferno e em extases misticos de ascetismo.

O grande jurista-civilista da Faculdade tem o espirito da epoca dos sonetos e madrigais. Mas houve tantos sonetos inferiores, de sentido baloufo... tanta poesia ôca...

Cá e lá fadas ha. Cada epoca se afeiçoa por si mesma. Um salto de sapato imortalizou um rei; Postdam, uma nação e Goethe foi o genio universal. E hoje... Monte Carlo quer dizer Paris; Graf Zeppelin, Alemanha e (se me entendem) Carlito é o heroi do universo.

A evolução é um fato e é comesinho repeti-lo. Ha

sa obediente". O gaúcho devia ser completo na sua arte e na sua vocação. Ainda hoje é discutido para ser mais admirado e querido como exemplo do tumulto feito harmonia.

Com a morte de Gaspar Martins foi que o Brasil sentiu a força de uma influencia extinta. O sr. João Neves revolta-se com o local em que repousa "o campeão do Estado leigo". A sua

sua ultima morada não deveria ser "na casa de Deus, entre cirios devotos e o perfume das flores dos jardins fronteirigos". E então declara que não era aquele, na compreensão da sua vida, o lugar do seu tumulto. Onde ele devia dormir o eterno somno era á beira do oceano, num "Cemetiêre marin", como o dos versos ce-

lebres de Paul Valéry. "La mer, la mer toujours recommencée". Pois que, "em verdade, foi o mar o simbolo da sua mobilidade humana, da sua ancia de pensamentos sem praias, das suas tormentas, das suas ventanias e até dos seus reflexos solares nas horas de bonança". Assim fala, exaltado e lirico, João Neves da Fontoura a-

quele que afirmou que nenhum homem publico deveria subir ao governo sem os certificados da opposição, e que o desterro é um noviciado indispensavel ao sacerdocio do bem publico.

Biografo e biografado muito se assemelham: tribunos, experimentaram o frio do exilio, não sentiram ainda o calor dos palacios officiaes.

ENTRE PARENTHESIS

ALFIO PONZI

E' assumpto velho e bem sabido que os grandes vãos da imaginação creadora em busca de novas paysagens para deleite do espirito avido de imagens differentes, são feitos através de caminhos conhecidos. Tal como o caminheiro que, procurando chegar a um ponto aonde nunca tenha pousado os pés, segue um trajecto percorrido noutras vezes. É facto incontestado que uma imagem qualquer que ella seja, por mais inédita que se nos apresente, traz sempre consigo os mesmos traços de muitas outras que já nos passaram pela retina.

Talvez, mais porisso que por outro motivo é que os exploradores do mundo infinito das idéas, os mestres da ficção, por mais que procurem o auxilio da originalidade andam quasi sempre obrigados a dar voltas tortuosas a fim de evitar um contacto mais intimo com o logar commum.

A natureza toda, no que possui de mais bello e desconhecido para muitos, já foi esmiuçada pelos olhos incansaveis dos escaphandristas de scenas impossiveis. Os genios há muito ficaram sem ter o que fazer, e resolveram abandonar a face da terra e voltarão ninguém sabe quando.

E estamos admirando, mesmo com certa indifferença, a inverdade do que dissera o genial Wilde sobre a posição superior que a Arte occupava deante da vida.

Mas, o realismo bem nú que reflete a litteratura de nossos dias, será mesmo um signal de impotencia da imaginação dos nossos intellectuaes?

Ou será que os paladinos do espirito moderno tentam copiar a vida em todos os seus aspectos, como um meio pratico de lançar a realidade na face dos ingenuos ou dos calculadamente desentendidos?

Uma cousa ou outra, o que não se póde negar é que a Arte anda copiando a vida o mais photographicamente possivel.

Sobre isto, e para não sairmos de casa, temos como exemplo de primeira agua os themas predilectos dos nossos mais novos romancistas. Nenhum deles se tem embrenhado nas florestas encantadas repletas de bichos complicados e imaginarios, não andam ás voltas com personagens fóra da realidade ambiente, e embora muitas das figuras que se movimentam em seus livros estejam a precisar de um prolongado banho de creolina, nem por isso deixam de exgotar as suas edições.

E quasi todos elles têm deante de si, nada mais nada menos que a realidade social do nosso meio, como material magnifico e quasi tão inexplorado como as riquezas mineraes do nosso subsolo...

muito pensamento nas poesias de Manuel Bandeira, muita piedade em Jorge de Lima e muita libertação em Gilka Machado.

Como houve muitos Bulhões Patos... noutros tempos.

Não ha decadencia em nossos dias, ha sim um mi-lhar de milhares de motivos para o reduzido expoen-te de emoções do sistema nervoso humano. Não ha de-cadencia, ha a luta do presente com o passado, o re-flexo de reacção da estatica da velhice com a dinamica da juventude.

E' verdade que ha, ainda, alguns espiritos "refinés" indignados com esse excesso de narrativas photogra-ficas, e com a ogeriza crescente ás importações do pi-rito francez, o que se vem accentuando dia a dia.

E ha mesmo quem saliente a proletarização int-cional do romance novo, e a exclusão forçada do b-guez, de dentro das paginas da litteratura.

Como o sr. Henrique Pongetti, que, um dia des-t-desabafou irritado: que esses decantadores do soffrim-to das amplas massas não passavam, na vida intima, burguezes refestelados em poltronas macias que, aconchego do gabinete confortavel, machinavam imp-perios contra o seu semelhante que lhes comprava livros.

E' bem verdade que ainda existe um pequeno-culo, cada vez mais reduzido, de escriptores para éli-tambem muito reduzidas, com um campo de acção li-tado pela cegueira monstruosa do analphabetismo-cional que não é para desdenhar...

Mas a nossa meia duzia de vernaculistas não é fo-bastante para impedir o avanço de escriptores me-versados ou menos respeitadores dos tabús gram-m-caes, que encontram o apoio mais franco da part-nosso publico ledor, que, em sua maioria representa-geração que não teve tempo de analysar as orações-monianas, e nem por isso deixa de comprehender e ac-rar o valor das boas leituras.

Mas, por que o successo que vêm alcançando-ses vulgarissimos copiadorees da vida? Talvez po-estamos vivendo um momento mais da naturalidade-da genialidade. Talvez que o artista, para não sen-dissabor da repetição e sentindo a difficuldade da i-vação, resolve copiar a vida ás escancaras. E mesm-terreno da ficção tem ao alcance da intelligencia o v-cabedal da vida de todos os dias, ficando mais pro-das coisas possiveis, procurando harmonizar a imag-ção com a realidade.

Essa paixão pela verdade, que ás vezes se a-senta tão feia e rabugenta é bem o reflexo do mom-presente, em que a inquietação é um estado normal-passageiros, embora o ruido das machinas obrigue cada individuo. Todos esses symptomas podem-homem a viver sempre de olhos abertos, vendo rec-rem-se mais e mais os momentos de ocio e silencio-deixam ao espirito maiores possibilidades para os so-magnificos...

Sempre e em todos os tempos, se tem ouvido-zer: "tempos aureos aquêles, hoje já não é ass-Já não é assim, mas tem tambem sua beleza e r-nitude. Cada epoca tem a sua construção. A-é a continuidade do passado com o presente. É a-dade da velhice cansada ligada ao estúo vivifican-realizador da juventude. Enquanto a senectude-mita, porque exausta; a mocidade vibra porque o-de vida. A velhice recorda ao passo que a moci-espera.

Recife, julho de 195

DIREITO DE FAMÍLIA

ARNÓBIO GRAÇA

Na vida das múltiplas relações das pessoas humanas, o DIREITO DE FAMÍLIA tem, mais do que qualquer outro, grande e fundamental importância, porquanto regula a existência de um grupo em que se baseia toda a estruturação cristã da sociedade, no mundo contemporâneo.

Já não me refiro aos tempos que se acham remotos, quando a disciplina social das relações sexuais, ainda nova e incipiente, após um longo período de promiscuidade e hetairismo, refletia, apenas, os interesses de um chefe autoritário. Mas observar os dias que correm, quando, também, as forças revolucionárias do mal se preparam para destruir aquilo que constitui um patrimônio ético e espiritual para os povos civilizados. De maneira que pouco interessante é abordar, aqui, os problemas complicados da genese e da evolução da família e do casamento, através das idades, como fizeram Mac Lenan, Spencer, Summer Maine, Westermack, Le Bon e Morgan, tantas vezes, citados por juristas patrios como Bevilaqua e Pontes de Miranda.

Portanto, terei de focalizar a importância e a posição do DIREITO DE FAMÍLIA, no terreno do direito moderno.

Quero, ainda, fixar aspectos do presente e traçar normas de vida para o futuro, rompendo, violentamente, com os preceitos antiquados de "códigos inúteis", como o francês e o brasileiro, que mais parecem "códigos dos argentários e da usura", no dizer de velho Lacerda de Almeida.

Com efeito, a posição do DIREITO DE FAMÍLIA está em relação íntima com a sua importância e, especialmente, com o seu objeto. Foram os motivos doutrinários dessa intimidade que levaram certos juristas a baterem muito com a cabeça, sem contudo haver possibilidade de surgir conciliação entre eles. Cada qual, situado em um plano, propõe a sua solução. Cada qual, considerando um único elemento anatómico, extraído pela velha cirurgia jurídica dos séculos que passaram, procura situar, a seu modo, o Direito de Família, dentro ou fora do "Direito Civil".

Sabe-se que, de acordo com o senso divisionário do "jurismo individualista" antigo, o Direito tem "sujeito" e "objeto", "líame" e "proteção" — "constrangimento". Baseados todos na compreensão do objeto, não conseguem, porém, ter unidade de vista. É uma tremenda confusão lógica.

Rodrigues Alves, em um brilhante artigo publicado, há pouco, na "Revista da Universidade de Havana", abordando o problema da posição do Direito de Família, cita-nos a existência de três grupos de jurispublicistas — ansiosos para resolverem-no: "En três grupos podemos classificar a los autores que debaten al redor de esta cuestión: Al primer grupo pertenecen Fioretti, Pisanelly y Loria, los que sostienen que el derecho civil es exclusivamente derecho patrimonial y que todos sus problemas pueden convertirse en problemas pecuniarios, por lo que hay que excluir del derecho civil toda cuestión que no sea de carácter patrimonial, como lo es el matrimonio y por onde el derecho de familia; propugnan, pues, que el derecho de familia sea independizado del derecho civil. A Gierke lo colocamos en el segundo grupo. Opina que existiendo el patrimonio por razón de la persona, el derecho de las personas debe constituir la parte fundamental del derecho privado o sea el derecho civil. La tercer posición se la damos a Cicu, pues dice que el derecho de familia debe situarse independientemente del derecho público y privado".

Assim, considerando, de modo confuso, o sujeito e o objeto do Direito, procuram eles esclarecer a questão e situar, embora erradamente, o Direito de Família, ora aqui, ora ali, como se a natureza do seu conteúdo pudesse ser alterada ao arbitrio da vontade individual. Não se podem observar os fenômenos que se desenrolam no mundo jurídico, sob a influência de um só prisma. Colocar o Direito de Família, em tais posições, como procederam os juristas citados, sem a compreensão nítida das circunstâncias totais, é deturpar a natureza do próprio Direito.

Por isso, a orientação do "Integralismo" é outra na consideração global dos fatos jurídicos. Não aceita a separação, absolutamente condenável, do "Direito público" e "privado", porque repele o critério de criar, até no campo jurídico, o conflito entre o "indivíduo" e o "Estado".

De sorte que o Direito de Família não tem a posição indicada por Fioretti, Loria e Gierke ou por aqueles que constituem a terceira escola. O Direito de Família, como o Direito Civil e o Comercial, devem estar integrados no "Direito Público" que é o supremo controlador.

A visão unilateral das três escolas anteriores é perfeitamente inaceitável, porquanto o "Direito de Família" não pode ser considerado exclusivamente patrimonial, ou patrimonial em função da pessoa, como quer o segundo grupo e nem pode ser situado fora do âmbito do "direito privado ou do público." A família que se fundamenta no matrimônio, não tem somente uma função material-econômica; ela é, também, fenômeno moral e espiritual. Não existem, apenas, entre os conjuges relações de caráter prático e utilitário, mas aspirações espirituais e finalidades éticas. De todos a família é, incontestavelmente, o grupo mais importante, já pelo seu fim, já pela sua natureza ou pelas suas funções sacras. Dentro do Integralismo, ela não será o "preconceito burguês" — a quem a levou o Estado capitalista, todavia, o motivo da "grande Revolução Continental". Não será um luxo, mas um ambiente de sacrifício e de pureza. Terá aquele sentido nobre e elevado de que nos falara Modestino: "Divinit humani juris communicatio". E não será aquele simples "contrato bilateral" — produto da vontade fortuita dos homens, porque tem suas raízes profundas na natureza material, moral e espiritual das pessoas.

O Código Civil brasileiro, seguindo a orientação sistemática dos códigos francês e alemão — por desvio inescrupuloso de doutrina — coloca em uma situação que não é de sua importância. Desta, trina e de norma, considera a família, de maneira errada, e a coloca em uma situação que não é de sua importância. Desta, os levianos comentadores se absterem de falar. Preferem perder-se no emaranhado das tecituras abstratas. Nesse particular o nosso Código como o francês, alemão, suíço, argentino e chileno desprezou, até, o verdadeiro sentido do pensamento cristão, não obstante se proclamar fruto da civilização cristã, através de uma "indissolubilidade matrimonial" muito mal cuidada e defendida. Alguns dispositivos de meia dúzia de artigos anquilosados determinaram obrigações e deveres para ambos os conjuges, regularam os efeitos do casamento, regime de bens e dissolução da sociedade conjugal, entretanto a família nunca se encontrou tão desprovida de bases e de garantias, como dentro do Estado que fecundou a monstruosidade dos Códigos de classe.

Praça da Independência N.ºs 25 e 26 - Telefone N. 6425

Confeitaria Automatica

CARLOS PENNA

RECIFE



PERNAMBUCO

PREPARAÇÃO DE ESPIRITOS

Abelardo Araujo Jurema

No confuso ambiente do ensino no país um vulto se destaca visivelmente, expondo conceitos que se amoldam perfeitamente às nossas necessidades educacionais. É um talentoso pedagogo, senhor dos mais modernos conhecimentos de pedagogia, experientador de um recentíssimo plano de educação, que se não vingou, deve-se exclusivamente à acção das intrigas políticas, porém apoz ele, a conciencia nacional a respeito de tão palpitante assunto, é completamente diferente de tempos atrás, está, de uma forma positiva, pronta para iniciar a obra começada, apoiando-a com o calor de seus movimentos. Essa figura saliente do sector educacional, vendo-se privada de continuar a servir com proficiência ao nosso país, reuniu o que fez e o que queria fazer enquanto no alto posto administrativo estivesse, publicando em um volume de ótima apresentação grafica. Pelo menos assim, ele estaria livre dos chafurdos politicos e dos entraves das conveniências tão comuns no curso da vida dos homens publicos criteriosos. De fórma que o publico tem ao seu alcance, as ideias de um homem de inteligencia, podendo assim aquilatar, na intimidade de um gabinete de estudos, o quanto perde o Brasil por causa de suas mediocridades aterradoras. Eis o homem e eis a obra: "Educação para a Democracia", de Anísio Teixeira. É preciso que se leia, convencido de que "É u mlivro vivido dia a dia, porque fundamental e expõe uma obra ainda mais vivida, intensa e afanosa inacabavel até por definição... Educação é, sobretudo, continuidade e mudança; — processo".

Em começo, o professor Anísio Teixeira, desenvolve amplos raciocínios em torno do "problema brasileiro de educação", fixando com segurança o assunto e concluindo pela necessidade de total autonomia no ensino. O professor Anísio Teixeira ainda focaliza a falta de unidade que possui o ensino brasileiro, onde as reformas são frequentes e as cópias de varias organizações europeias são feitas ao pé da letra, numa comuhão improduyente. O autor vê na educação brasileira, um aglomerado de ideias, entretanto, sem nenhum plano unitario de ação, na objetividade de alfabetizar somente, em desprezo pela educação geral, pela preparação eficiente para o curso científico generalizado, tornando assim o brasileiro alfabetizado e ignorante. Anísio Teixeira amplia a visão da escola, quando ele afirma serem as escolas, laboratorios e oficinas, quando dantes eram somente "casas de saber literario". Na escola tanto cabem poetas, sociologos, filosofos, professores, escritores, como tecnicos em todas as suas fórmas. Os trabalhadores manuaes e cerebrais, da escola geral se fortalecem para a aquisição de melhores conhecimentos no campo de suas atividades mentaes ou fisicas. Ha necessidade imperiosa de que as escolas de hoje, obedeçam ao novo plano de vida científica e industrial. O prestígio que entre nós possuem as profissões liberais, em quasi detrimento das profissões tecnicas, é injustificavel. A rivalidade que surge entre cultores de letras e cultores de campos, entre cultores das ideias e cultores dos numeros, é, nos tempos presentes, puramente infantil. Anísio Teixeira, entretanto, não se mostra apaixonado pela tecnica, ele se revela o mediador, ele se entremostra o pedagogo moderno que não nega a influencia consideravel da tecnica na epoca atual, e considera importantissimo fator de desenvolvimento as profissões liberais. Propugnando pelo desenvolvimento da escola moderna uniforme, assim se justifica: "Para uma preparação de tecnicos em todos os graus e ramos destinados a servir a um período da idade humana de base profundamente científica e caracterização acentuadamente tecnica". As escolas primaria e secundaria, para Anísio Teixeira, serveriam de base "às ocupações diversas em que se divide a atividade multiforme de nossos dias". O aluno, saído da escola com uma cultura geral bem fortalecida, completaria seu desenvolvimento intelectual em universidades também orientadas pela nova pedagogia, ficando assim apto para desenvolver com mais acerto, as nossas forças politicas, sociais e economicas, em beneficio da entrada mais acelerada do Brasil, na evolução científica que se processa no mundo. Nisto influirá consideravelmente o intercambio entre alunos e professores, entre nós e os países culturalmente superiores e padrões de grandezas intelectuais.

Anísio Teixeira na parte teorica do seu livro, discrimina com minuciosidade os três aspectos diversos do governo da educação através da historia, quando a educação era dirigida pela Igreja, no Estado Teocratico, quando dependia diretamente do Estado, que dela poderia se servir para "formar e perpetuar as ideologias

em que se baseava, e alimentar a lealdade às suas proprias instituições", e no terceiro aspecto, em que "a educação era confiada ao controle indireto da propria sociedade pelo jogo das suas forças em desenvolvimento". Aceita o autor o ultimo aspecto e acha que para nós, que estamos ensaiando uma democracia, devemos conservar a independencia da educação e defende-la do absolutismo do Estado ou da intolerancia de outras instituições, em qualquer dos seus aspectos. Ao Estado democratico, cumpre exclusiva e formalmente, proteger e defender a educação que é orientada pelos elementos sociais. A educação no regime democratico representa a propria vida social, autonoma e em permanente evolução.

Sobre a educação pre-escolar, o ilustre professor, se revela um espirito observador e de perfeita lucidez, aconselhando e mostrando a necessidade dos pais se interessarem pelos estudos, pelas necessidades educacionais, pelos problemas de saúde, brinquedo, sexo, higiene mental, em suma, pela aproximação da criança para todos os pontos necessarios á formação mental. A vigilancia que hoje se mantem emtorno da criança, olhando a alimentação, vestuario, sono e outras necessidades, é tão necessaria como a observação severa ao estado de prenatalidade. A criança deve ser conduzida por braços e cerebros desde o estado embrionario até á universidade. Dela depende o futuro de uma civilização. Da formação mental depende o progresso de um povo. Anísio Teixeira lança suas vistas para os predios onde funcionam as escolas. Aqi pelo nordeste o aspecto é desolador. Afóra alguns parques escolares que se estendem pelas capitais, os demais predios são pardieiros infectos e que não comportam o numero dos alunos que habitualmente frequentam as mesmas escolas.

O autor passa sobre a educação elementar, e numa análise penetrante nos mostra a dificuldade do filho do povo educar-se. Quasi nunca termina seu curso. Dificuldades de toda a ordem o impedem. E lá fica o homem semi-analfabeto.

Anísio Teixeira tem ocasião de se expandir a respeito de universidades. Estuda a sua origem e interpreta a sua função. Faz uma síntese do que são as elites intelectuales do país. Cada vez mais separamos do povo. Uma vez que os ambientes de estudo são pouco accessiveis. Conservam o estudante distanciado do publico e o resultado é que uma distancia enorme se projeta entre eles. A universidade, no caracter compreendido por Anísio Teixeira, leva até ao povo a cultura. É o estudo de função eminentemente popular. A universidade coletivizando a cultura, coletiviza os meios de adquiri-la. Afasta a cultura de ser um privilegio e a expõe ao alcance das ruas, por onde transitam aqueles que para ela olham com admiração, conservando uma distancia bem grande, e acreditando na sorte para se vencer. A universidade facilita a assimilação por parte do povo, dos ideais dos seus diretores, provoca uma intima comuhão entre o publico e o intelectual. Para Anísio Teixeira universidade é a mansão da liberdade".

Na segunda parte do livro em questão, o autor focaliza o esqueleto escolar. Os seus nervos estruturais. Sua organização e seu funcionamento. É uma exposição pormenorizada da nova escola que seria inaugurada no Distrito Federal, se não fossem os fatores de incompreensão, comuns no ambiente da mediocridade.

"Educação para a Democracia", é imprescindível para os estudos completos da nova organização educacional do mundo moderno, em nossas terras.

MANOEL JOAQUIM de ARAUJO
CIGARROS — V 8 —

— Campinenses — Fidalgos — Cunha Rego — Garoto —
São os mais modernos e mais finos da nossa Industria
CHARUTOS: LINDA FLOR — GAULEZES — IMPERIAL
— CARMEN PANETELA — OURO BAIANO
Manufacturados na Baía e com fumo baiano, orgulho da
nossa flora

MACIEL PINHEIRO, 269
João Pessoa

O ROMANCE MODERNO

Olívio Montenegro

Nota-se no romance moderno do Brasil uma tendência alarmante, alarmante pela sua insistência e o seu exclusivismo — a tendência para o facto, para o facto exterior, mais de efeito descriptivo do que psychológico. Esta tendência demonstra o espirito pratico, decididamente pratico, que governa a inspiração desses romances. Espirito mais de acção. E toda acção é particularista; ella tende sempre a um certo e determinado objecto. Não tem o poder universal de expansão da idéa, nem, por isto mesmo, a sua imparcialidade e a sua força vital.

E' facil verificar que todo o romance de acção se elle não se arma pedagogicamente em these, como *Chanaan* de Graça Aranha, limita-se á reproducção quasi micographica de uma certa classe de factos, de uns certos e mesmos aspectos da vida.

São romances sem nenhuma inventividade, nenhuma surpresa, nenhum mysterio, salvo quando o elemento "imaginação" arde por traz dos factos como um fogo purificador, e os vivifica poeticamente.

A classe de factos que constitue quasi que toda a substancia dos romances modernos do Brasil são os factos que entendem com a vida do pobre em relação á do rico. Esses factos podem variar pela forma em que o autor os apresenta, e pelo meio a que os condiciona, mas o sentido que predomina nelles é um só: o da acção, acção de fundo social e politico.

Em romances, como *Jubiabá* de Jorge Amado e *Usina* de José Lins do Rego o que os salva de serem romances de these, onde os factos tomam a significação de um testemunho historico, e onde a memoria seja a grande mestra da arte, é a riqueza de imaginação, de poesia, de imprevistos dramaticos que fazem refluir com uma força irresistivel para um plano inferior, um plano secundario e obscuro, o elemento propozitativo de acção que ás vezes mal se esconde na repetição de certas scenas.

E' curioso ver como a sensibilidade poetica pode transformar os factos mais vulgares e grosseiros da vida dando-lhes uma intensidade ideal, creando-lhes uma transparencia e uma força realmente artistica. Sublimando-os.

Ouço sempre falar que o roman-

cista jamais deve perder de vista a função social do romance. Não sei porque ha de se querer egualar o romancista ao doutrinador.

A função social do romance, do romance como de toda obra de arte é sempre involuntaria; a função consciente é a função esthetica, unica que se o autor perde de vista, adeus romance.

A verdade em arte só nos interessa pelo seu efeito de originalidade, a sua surpresa, e uma impressão de harmonia que lhe dá um caracter absoluto, de uma realidade acima da contingencia dos nossos sentidos. William Black, este mystico sem transe, de olho sereno — o olho do bom senso — bem que escreveu que "a verdade não vale a pena ser dita para ser apenas comprehendida e não acreditada". E' que de facto a verdade artistica é differente da verdade logica, daquella a que se chega em sciencia pelo uso exclusivo da razão e da observação.

Nada existe que pelo raciocinio não seja sujeito a prova em contrario; dahi as eternas contradicções das sciencias especulativas, e não raro das sciencias mesmo mais positivas. Só na verdade artistica não pode haver contradicção. A verdade artistica é sempre uma surpresa e ninguém raciocina sobre surpresas.

Diz-se que o habito é uma segunda natureza; mas não: a arte é que é uma segunda natureza, não á parte mas acima da primeira.

Infelizmente muitos dos novos romances do Brasil, romances que vemos ás vezes gozarem de uma popularidade estrondosa nelles se descobrem muito mais o espirito da acção do que o espirito da arte; a intenção doutrinatora tem nelles muito mais relevo do que a intenção esthetica.

Poderíamos dizer que *Chanaan* de Graça Aranha é o mais directamente precursor desses romances intencionaes, romances concebidos em virtude de um certo fim doutrinario ou pratico. Em *Chanaan* varia apenas a forma e o objecto da doutrinação: o espirito porem de lição ou de propaganda é o mesmo. Ainda notamos que no romance de Graça Aranha a emphase doutrinatora reponha mais estridentemente no pensamento do que na acção dos seus personagens, e dahi o autor metter-se

tão frequentemente dentro do romance. De vez em quando elle surge no livro tal como se os seus personagens fossem crianças demais para falarem com acerto por si mesmos.

E o mais grave ainda é que quando os personagens principaes do livro fallam por conta propria não dão nunca a idéa de homens conversando como elles naturalmente pensam e sentem, mas de homens que andassem a repetir em forma de dialogos lições complicadas, lições que houvessem decorado á força, e que elles gostariam antes de não saber. Elles, e ainda mais o leitor.

Há um trecho por exemplo de *Chanaan* onde Milkau o personagem principal do livro entra em cogitações consigo mesmo, e então pensa: "O verdadeiro philosopho será aquelle que tiver o segredo de ponderar os espiritos, de desvendar nas cellulas cerebraes as remotas sensações vitales dos povos e que possuir a intuição para distinguir na intelligencia de um homem a dosagem perfeita do estranho precipitado da treva com a pureza, do odio ingenito de uma raça com o amor organico da outra".

Ora, um personagem que em cogitação consigo mesmo tem essa coragem ridicula de emphase, esse incrível desassombro oratorio, não é um personagem na posse mansa e pacifica dos seus direitos humanos de sentir e pensar; é um pobre automato a serviço de uma determinada doutrina ou uma determinada acção.

Em muitos dos romances contemporaneos vamos encontrar desses Milkau, Milkau disfarçados em homens do povo ou em capitalistas, mas no fundo Milkau. Vamos encontrar personagens que são a encarnação de uma these; pouco importa que a these desses novos romances procure se exprimir mais pela acção — essa acção é da mesma maneira tão emphatica como as cogitações de Milkau. Emphatica e egualmente de um contacto apenas superficial com a vida, um contacto de epiderme, e não um contacto apenas superficial com a vida, um contacto de epiderme, e não um contacto de nervos e não um contacto de nervos e de sangue. Um contacto fecundo como os contactos do amor.

Demais, querer repetir a vida no romance não é uma falta simples-

"Os Silencios do Cel. Bramble"

Odorico Tavares

«Os silencios do Cel. Bramble» é o livro do sr. André Maurois que mais recentemente foi traduzido para a lingua brasileira. Quem não conhece o sr. André Maurois como romancista, deve quanto antes ler «Os silencios do Cel. Bramble» porque é um dos livros que melhor idéa vem dar do seu autor. Obra que é mais do que uma ligeira ficha. E' como que uma segurissima ficha dactyloscópica.

As personagens são poucas. Nm coronel, um major, um doutor, um padre, todos do exercito inglez e um intrepete francez, Aurelio, onde qualquer leitor poderá identificar o autor, o sr. André Maurois. Aparecem outras personagens, mas muito ligeiramente, embora em torno das principaes, girem alguns milhares de pessoas em situação nada agradável.

O medico, o padre e o major discutem animadamente noite e dia, cada qual querendo fazer valer suas opiniões extravagantes. Aurelio o interprete francez, sempre entra nas conversas dos inglezes, dando seus palpites, emquanto não faz suas cartas em poemas, ás illustres pessoas que lhes são caras. O Cel. Bramble fica calado ou melhor fala pouca coisa, fuma seu illustre cachimbo e principalmente illustra as conversas os serões com inevitaveis discos do seu inseparavel gramophone. E nessas pequenas coisas fica o leitor sabendo o que é o character inglez e o humor britannico, de acôrdo com o sr. Maurois. E é só isso. No entanto, é preciso que se diga que os seus typos creados não estão veraneando á vontade em alguma dessas notaveis ilhas de recreio. Não estão não. Estão em plena grande guerra, bem perto dos campos de batalha. Em torno delles, morrem milhares de pessoas. Mas o diabo é que poucos leitores vêm ter idéa do que se passa no lado de fora.

As personagens raramente falam sobre a guerra. Ella mesmo não vem frequentemente ás paginas do sr. Maurois. Alguns comunicados officiaes cheios do afamado humour britannico, a morte do padre que afinal de contas é uma especie de ondulação no livro e mais nada nos lembra que homens estão a frente de outros homens se matando. Aurelio, ou melhor o sr. André Maurois não pode ver nada disso. O que elle quer é estudar o chamado humor britannico. E que importa o drama da morte violenta deante desse alto e profundo problema de ordem intellectual?

E' preciso que se diga muito honestamente, que tudo isso, ou melhor essa coisa nenhuma, é narrada em cento e sessenta paginas num estylo que se chama commumente

de agradável e saboroso, polidamente escripto como muito poucos sabem fazel-o. Quanto a isso, todo mundo sabe que na arte de burilar o sr. Maurois é mestre. Mas é mesmo: o fino e requintado escriptor franco-britannico deante da guerra e deante do character britannico, naturalmente que não insistiria como não insistiu. Escolheu o ultimo que é mais chic. No entanto, repito que ás vezes repetir é força de expressão: lê-se com prazer «Os silencios do Cel. Bramble».

Recordo sempre uma paisagem, uma ligeira paisagem de pequena cidade do interior onde morei. Era uma pequena planicie que ficava defronte de minha casa. Um pedagoso de terra com uma vegetaçãozinha rasteira, sem uma ondulação, sem uma plantasinha maior, sem mais nada. Apesar disso, era agradável olhal-a assim, vasia, mas de um aspecto gracioso, delicado e podemos dizer encantador. Quando acabei de ler «Os silencios do Cel. Bramble» e mesmo quando acabo de ler qualquer romance do sr. André Maurois, não sei porque lembro logo a planiciesinha deliciosa, graciosa e encantadora. Esse fino romancista André Maurois é ella todinha.

CANÇÃO DAS AGUAS TERMAIS

A lava esquentá,
a lava esfria,
alma da minha alma
bôca da minha bôca
porque não vens me abraçar
eu com o termometro
entre os meus braços?

A lava esquentá,
a lava esfria.
Eu faço poemas com poucas palavras
e me evadirei um dia com pouco ruido,
nas azas do vento irei
e ninguem saberá.

Saberei ser agil nas azas do vento.

A lava esquentá,
a lava esfria,
pecado dos meus pecados,
bôca da minha bôca,
sentido dos meus sentidos,
sob a lava alternando
ninguem melhor do que eu e tú
sentirá essa noite!

JOSE' CESAR BORBA

mente de sensibilidade artistica, é alguma coisa de muito mais piedosamente pobre: é uma incompreensão do valor real dos meios de expressão communs á arte.

E' ignorar que não se pode separar em litteratura, nem em pintura, nem em musica, nem em arte nenhuma afinal, a expressão da idéa.

A expressão, e falo particularmente da expressão verbal, tem não puramente um valor symbolico, mas um valor real, positivo e seu: ella

não tem apenas uma função representativa, mas uma função creativa. E ella ou reage sobre os factos pela idéa, que é o seu principio vital, ou deprime-se em puras formulas convencionaes. Essas formulas ás vezes são curiosas pela habilidade com que procuram imitar a vida, mas são improductivas. Por mais que elas tentem uma imitação da vida, nem por isto a copia excede nunca ao original.

E um facto é verdade: a popularidade de certos romances e de certos contos muitas vezes não vem do poder emocional desses livros mas do poder emocional da vida. Tem a sua fonte, eu quero crer, na memoria do leitor, e não na sua sensibilidade. A sensibilidade é menos commum do que memoria. O romance é uma copia: o leitor lembra-se do original e commove-se: elle devia applaudir era a vida e não o romance.

Sobre o Declínio da Poesia

Nelson de Alcantara

FALA-SE, insistentemente, no declínio da poesia, salientando como factor desse estado passivo, a carencia de uma acção intellectual mais consentânea com a vida tal qual ella é.

Na verdade, nunca como hoje, o homem se viu mais cheio de responsabilidades materiaes e espirituas em face do mundo. Nunca as arestas da vida se apresentaram mais rudes do que hoje.

E é talvez porisso que o homem, atordado em meio ao torvelinho, começa a negar a poesia, ou melhor, começa a fugir da poesia, para enfrentar a vida que o espreita com as suas conhecidas durezas.

A despeito de tudo, a poesia se infiltra misteriosamente no espirito desse mesmo homem que se agita, insatisfeito, em busca de formulas menos precarias para o seu estado economico e social. Infiltra-se para repontar com as suas côres de infinita belleza quando menos se espera pela sua presença.

Vem então a angustia do poeta, devido ao contraste da ternura de um verso com a solução immediata

de um problema que envolve interesses mais objectivos.

Evidencia-se a luta interior entre o objectivo exigente e inadiavel e a docura subjectiva dos pensamentos sublimados.

É esse, nem mais nem menos, o panorama da poesia actual.

Os poetas de hoje se resentem da falta dessa coragem de se affirmarem poetas.

Acham talvez que a vida não comporta poesia.

Quando lhes veem á inspiração os motivos sentimentaes, procuram subjuga-los e dirigem a intelligencia em funcção de trabalho intellectivo differente.

Deduz-se, portanto, ter sido o poétar mais espontaneo e mais amado, no tempo em que as coisas andavam mais acertadas. Quando não havia a tal angustia economica. Quando, tambem, não se deblatiam as intrincadas questões sociaes que empolgam o mundo de hoje.

Os contemporâneos daquella epoca serena poderam amar calmamente os seus crepusculos, as suas

campinas verdes, as suas mulheres romanticas e os seus céus estrelados...

Tinham margem para tanto, de vez que a vida se lhes apresentava com aquella placidez do lago do soneto.

Foram felizes, porque sentiram e viveram a poesia nos seus aspectos mais suggestivos.

O poeta contemporâneo desta hora mechanica, porém, é um phantasma, como muito felizmente o simbolisou Willy Lewin.

Um phantasma ante os olhos da burguezia. E, ainda, um phantasma ante o olhar espantado do seu irmão homem, que está dirigindo as massas, que está agindo no campo, que está na alavanca de uma machina ou numa tribuna.

Mas, como a poesia é eterna, e, consequentemente, não se anula sob quaesquer imperativos do momento, os poetas teem que viver e externar os motivos de belleza captados pela sua sensibilidade, mesmo que o façam sob o véo dos simbolos...

Pingo de Tinta Vermelha

Denancy de AVELLAR

O sol riscou umas paginas loiras de romance na cara enxovalhada das nuvens que olharam para a cidade rumorosa com olhos ingenuos e doces de distancia, de vago, de bem longe.

O sol é bohemio, poeta vagabundo, frequenta esquinas, fala da vida alheia, fala sobre politica, faz o futingue em companhia de ninguem, mete as mãos nos bolsos vãos, fuma uns cigarros cheirosos que teem uma fumacinha branca que é o enlevo lyrico do sol metido a tudo.

O romance de folhas brancas e leves esvoaçou na cidade cheia de gente, entrou no meu quarto academico e isolado onde só havia eu e as minhas imagens correndo lassamente, preguiçosamente passivas, para o meu torneio literario, para a minha tagarellice latina.

O sol é bom amigo, tem um genio parecido com o meu, conversa comigo umas coisinhas amaveis, umas ideias joviaes e frescas que eu mando logo para o papel para eu ler depois, para o meu ruidoso entusiasmo adolescente.

Elle saiu para fóra, trepou nas arvores meio-velhas da minha rua universitaria, cantou umas modinhas que eu conheci pequenino ainda, quando sentia um cheiro inocente de incenso falando meninice loira. O sol tambem é tagarella.

Saltou para as ruas que estão avermelhadas, subiu num galho atão, um galho qualquer que encontrou no meio da rua sonolenta.

Pintou garatujas amarelas, rosadas, vermelhas, traçou ligeiramente figuras de tartarugas quietas no paredão da casa defronte que tem umas janelas pintadas de verde e amarelo cor da patria.

O sol veio de longe tem para mim vinte-e-um anos é museu do meu passado, um passado claro, sonoro, como este sol que está a arranhar gostosamente o meu delicioso panorama percorrido pelos meus olhos medrosos de menino de calças no joelho.

A Casa dos Espelhos

Sob o brilho intenso dos meus espelhos
meus olhos tontos querem fugir.

Balbucio meu discurso sem nexo
dentro da limitação.

Meus beijos secaram pouco a pouco
nos corpos frios que amei.

E multiplicado pelos facies vivos
e no satanismo dos meus espelhos
estão meus gestos perdidos
ou o tempo que dissolve.

Pois que meu coração se desfaz
e os ventos espantam
minha propria poeira

E sob o longo olhar dos meus espelhos
meu espirito véla
o corpo que morre.

Sebastião Maciel

A CASACA DE PETRONIO

Rodrigues de Miranda

O amigo Petronio morreu queimado nas fogueiras da grande guerra. Mas, a irreverência é ainda um sinal de vida. É que ele deixou parentes na terra. Os elementos destacados no ambiente das letras brasileiras (isto é, nas letras clássicas involuídas... que vivem atualmente invocando a ingerência de ficções místicas nos negócios da sociedade. Li num jornal há pouco tempo um artigo de fundo que era mesmo uma missa escrita. Acho que o articulista estava no momento perto de uma bíblia qualquer, e não dispensou umas certas frases melódicas. O interessante também é que vários literatos-filólogos, ainda estão se preocupando muito com a colocação de pronomes. O Rio de Janeiro possui uma turma de intelectuais com certa arrogância gorda de pensadores, indivíduos estes que necessitam com urgência entrar como bedéis, no Instituto Arqueológico. Os tipos mais elevados e melhor engomados, (luxo em literatura...) estão servindo aos novos escritores do Brasil, apenas para comparações psicanalíticas. O sr. Laudelino Freire, o sobrinho mais velho de Petronio (presidente da Academia — é necessário outro Graça Aranha!...) anda um tanto aborrecido porque nunca mais apareceu um genio para receber a sua saudação. A velharia está ficando só. E tem de ficar. Os homens de responsabilidades intelectual não ligam a menor importância a esses maniacos e mofados vernaculistas. Já se foi o tempo que os mestres apareciam de colarinho duro e casaca comprida, todos circumspectos como se fossem ditadores das letras. Era a época em que tudo se escondia, onde a verdade não podia aparecer, devido ao rigorismo formalista de certos decoradores de livros. Há no passado uma porção de ingenuidade, um não sei que de teórico e enfadonho que é mesmo o carácter de uma geração. Hoje, desapareceu a casaca comprida. Quem quiser levar uma vaia, apareço para fazer uma conferência de colarinho de pontas alevantadas. É ridículo. O homem moderno revela-se, sobretudo, pela sinceridade no dizer, sem subterfugios de nenhuma espécie. Os indivíduos de boa cultura não ostentam pôse egreja de senadores decaídos, nem fazem questão de seleccionar amizades. Os artigos que se escrevem, os discursos que se pronunciam são hoje, mais do que nunca, factores de reivindicação para melhores dias no viver humano. Os novos procuram justificar-se, sem bater na mesma tecla. Eles estão falando numa orinetação definida em matéria de linguagem, sem todavia incorrer no fato inconsistente e descabido da «involução» portuguesa em terras brasileiras. Nós já estamos intensificando os estudos históricos com uma coragem que é o ponto de significação da independência de alguns sociólogos patricios. Os estudos sobre o negro com Arthur Ramos, Renato Mendonça, Roquete Pinto, Gilberto Freire, Edison Carneiro, etc. tem tomado um aspecto que mete medo aos puristas da geração que ficou inerte e sem função para a vida. O que mais podemos afirmar é que o Brasil, pela inteligência da nova geração está se encarregando de tirar as casacas dos ilustres medalhões da literatura nacional. O requinte exagerado dos consagrações filólogos e dos sociólogos idealistas (quer dizer, metafísicos...) não tem lugar apropriado no terreno dos que trabalham por um futuro de humanização de cultura. É é justamente desses requesitos renovadores, sem nenhum indicio de absolutismo intelectual que tanto caracteriza aos apegados a uma só ideia (como se os fatos sociais não determinassem a consciencia coletiva de um povo) que o Brasil espera restaurar as forças perdidas num seculo com discursos e sem pesquisas.

O que mais salienta o carácter dos novos escritores do Brasil é essa forte penetração nos assuntos que falam de nossa gente e do nosso meio. Os exemplos do que estamos dizendo, as livrarias se encarregam de sustentar. Não é somente sociologia. Literatura também.

O sr. Otavio de Faria, critico lá no sul do país, disse uma vez que «o testemunho prestado deixou de ser testemunho do homem para ser testemunho do local, do regional, isto é, em ultima análise, do social e do nacional.» Isso que ele disse foi falando sobre romance, e, justificando, ao mesmo tempo a preponderancia do individual. O sr. Otavio de Faria errou quando fez tal afirmação. O testemunho invocado deve ser o da sociedade e não o do homem, em particular. É verdade que os angulos psicologicos individuais aparecem, sem todavia quebrar o ritmo coletivo que é o traço evidente do romance moderno. Si houvesse uma individualidade influenciando em todos os sectores descritos pelo romancista, a historia tornar-se-ia enfadonha e contraproducente. O meio em que se desenvolvem as personagens deve aparecer com todas as arestas e deformações. No caso

contrario, o que existe é historia de amor e exaltação do homem; nunca a vida dos humanos. Os maiores romances modernos repletos de carácter que está impresso na propria estrutura da sociedade. Não é por intenção. É apenas uma situação natural que agrava a sensibilidade do homem, fazendo-o honesto e sincero diante dos fatos que o circundam. Logo, o sr. Otavio de Faria não quiz no seu artigo EXCESSO DO NORTE, escrito no Ariel de julho de 1935 sinão justificar uma situação de apaixonado.

O Norte está mostrando que sabe pensar e concluir por conta propria. O nosso ambiente não se encontra mais empanurrado de chefes literarios e juridicos, nem tão pouco vive a copiar o que o estrangeiro fez. Disse certa vez que não se podia falar muito em literatura brasileira recebendo influencia da França. Pode-se dizer porém, que nós temos uma grande admiração dos escritores de lá. E ter admiração não é receber dosagem de ideias. É procurar universalisar o sentido de vida. Em literatura nós iniciamos uma geração de romancistas que hoje deslumbra os intelectuais do sul. Em sociologia Gilberto Freire solidificou com raizes profundas no seio da nacionalidade, um criterio regionalista de estudos, e, ao mesmo tempo, um sentido de humanização de linguagem. O interessante é que um critico pictorico (avalié, um homem assim, falando em sociologia...) achou em Casa Grande & Senzala uma obra dissolvente e antinacional. O que quer dizer isto? É necessario muita calma. Só quem não entende de historia social, antropologia, etnografia, etc. é que se decide a semelhante disparidade. Asneiras de pintor... Muitos querem em sociologia vaticinar, como profetas. Aliás, não se pode comprehender um estudo serio e honesto, com certas divagações fóra do assunto. O que se quer é uma equiparação de valores, cuja finalidade é abrir luta cerrada contra toda e qualquer abstinencia, em materia de pesquisas. E foi justamente desse conceito expressivo, e por demais coerente que Gilberto Freire conseguiu abrir amplas e suaves perspectivas no campo da historia patria.

E abriu sem gestos agudos de quem gosta mais de gritar (há exemplos no Brasil) do que mesmo pensar, dentro dos limites impostos pelos fatos.

O interessante é que até pouco tempo havia uma especie de cara-fechada, entre intellectuaes do Norte e do Sul. Hoje, porém, o que há é uma juxtaposição de elementos culturais, definindo forças e lutando pelo alargamento dos bons principios. As contribuições mesquihas dos parentes de Petronio não chegam às mãos dos modestos intellectuais da nova geração. E não chegam, porque a fraqueza dos argumentos se encarrega de abatel-as no meio do caminho.

Oh! Vento Forte Que Vem De Longe

Oh! vento forte que vem de longe
que vem do mar;
que arrepia as arvores dos caminhos
e arranca as folhas secas dos ciprestes,
trasendo queixas e canções de mundos distantes;
que vem chorando;
que vem cantando...

Leva, oh! vento forte que vem de longe,
estes poemas que falam a mim mesmo,
que contam as minhas dores e o meu cansaço,
desfaz-os no ar...
desmancha-os no espaço...
apaga-os... e que só o silencio reste sob
a historia de minha vida.

Oh! vento forte que vem de longe
que vem do mar,
leva meus lirismos, desmancha-os no ar
para que eu não ouça nunca o eco de minha voz,
tirando a calma dos homens mais felizes.

Eurico Costa

O Direito Nas Raias Da Mystificação

Clodio Rodrigues

O thema que escolhi é bom. Desses que se prestam a uma serie de commentarios detalhados em qualquer direcção que se aponte. Mas, não é esta a minha intenção. Não irei perder tanto tempo em dizer aquillo que todo o mundo sabe: ou porque tenho experiencia propria, ou mesmo atravez de informações que, no caso, são sempre de fonte insuspeita. O assumpto é desses que não dão margem a boatos.

Se ha no paiz, um estudo eivado de erros e falho de orientação, é o direito.

Já Manorco dizia, e com razão: É um ponto muito melindroso do ensino, a orientação a dar ao curso.

Além do estudo imperfeito que se faz nas Faculdades, á mingua de uma boa iniciativa que o tornasse mais pratico do que theorico, por falta daquelle estagio, tão intelligentemente permitido nas Universidades da França, onde os bachareis praticam durante três annos sob a direcção de um mestre, inconvenientes esses que fazem que o estudioso do Direito, com a cabeça pesada de theorias — que é o que lhe dá a Escola — não saiba cruzar os corredores de um "Forum", topando, tonto, como se não fosse feito para aquelle meio, ha outros mais graves que só aproveitam os que só querem, da Faculdade, o titulo. E por esse lado, pois, que vou dirigir as minhas attentões.

Um habito muito nosso é de numa apresentação que dependa de um certo valor intellectual, citar como ultimo dos attributos a qualidade de bacharel, como se esse titulo fosse o premio de uma intelligencia bem experimentada.

Dizem que tudo no mundo tem a sua razão de ser. A sua explicação. É o sedição habito — não iria contrariar a maxima materialista pelo facto de emanar de uma fonte que muito bem reflecte os costumes de uma raça. Tem elle tambem, a sua razão de ser, embora muito longe do bom senso e da boa intuição.

É que na actualidade brasileira os individuos que procuram estudar direito em geral, não dispõem do tempo necessario para isso. Na maioria são typos de talento, jogados pelas circunstancias no ambiente estreito de uma repartição, como perfeitos inadaptados.

Improprios áquelle ambiente de formulas e horas mathematicas, buscam uma evasiva já muito conhecida nesses casos — as Faculdades de Direito.

De inicio chegam a perturbar-se com um problema que, á primeira vista, lhes parece tolher a pretensão: o rigor da frequencia, bem claro nas ultimas exigencias regulamentares do ensino.

É bem notorio, por parte dos ultimos titulares da Educação, um prurido de acendrado valor ethico, no sentido de ser observada com rigor a frequencia no cursos. Conhecedores do mal e seus effeitos, talvez porque tenham experiencia propria, procuram extingui-lo, applicando-lhe a formula de artigos para-graphados até então sem valor pratico.

Não obstante, transpõem com relativa facilidade, o obstaculo do 1º. anno, e dahi por deante, mesmo que os paragraphos tragam um character draconiano, não mais lhes metem medo, nem lhes encham as vistas.

A camaradagem dos lentes, o espirito de colleguismo, são factores "que contribuem para a approvação mediocre do "estudante funcionario".

Formados, e de canudo envolvendo o fructo de uma habil camaradagem entre professores e collegas que estudam, projectam-se no fóro, empanurrando as razões de logica ao alcance de todos e de vomitos litterarios com pitadinhas de direito natural, — direito realmente que a natureza ensina a todos os animaes".

Foje por todos os meios, ás inconveniencias do direito positivo, sujeito que este é á evolução social, variando no tempo e

no espaço. O direito derivado, variando da mesma forma como varia a lei de cada paiz, sendo portanto, um producto cultural do espirito humano, concretizado em preceitos estabelecidos pela lei no interesse da collectividade social, apresenta-se aos olhos desta categoria de bachareis a que me refiro, como um dos mais serios inconvenientes que é o de lhes não poupar esforços para a sua aprendizagem, chamando-os ao convívio constante dos livros.

Por isso arrenega-o, despreza-o como se não existisse, voltando carinhosamente ao sector do direito natural, immutavel no seu conteúdo, como um poder immanente do homem. O mesmo para todas as epocas — eis a sua attracção!

É o que lhes serve. É mais commodo

Na impossibilidade de applicar ás suas razões alguns de seus preceitos, uzam de uma tactica — succedaneo de inferior qualidade — assás desprezível para a função nobilitante de que se reveste o advogado. E assim procuram estabelecer confusão nas vistas da justiça, despistando do caminho da verdade, o juiz criterioso e sensato que não condemna o réo quando algumas duvidas lhe preocupam.

Dahi a conquista das sentenças favoraveis que lhes emprestam uma fama lisongeira, mas de muito proveito, pois, entre nós, é bom o advogado que conta com o maior numero de causas ganhas.

Tornam-se "batonier" no sentido pejorativo da palavra, mas que de facto o são para o nosso meio, onde a profissão é tão avacalhada, o direito tão mal comprehendido. E até já se diz synonymo de embromação.

No crime, então, a figura muda para peor. A demagogia, ainda a mesma dos tempos medievaes, é arma de muita effieciencia. Contra ella, não se mete com vantagens, a defeza polida, moderada com suas bases plantadas no direito positivo, no sentido de um veredictum absolutorio.

É essa maneira de defender que com muito criterio ensina o sr. Gilberto Freyre, em contraposição ao methodo antiquado de gestos affectados e phraseados lyricos muito ao gosto dos oradores passadistas, enfara o corpo de jurados que não sabe o que é direito nem lhes agrada aos ouvidos a linguagem desenxabida dos artigos do Codigo e muito menos as theses insipidas dos juristas onde é vedada a entrada aos floreios litterarios.

Na Tribuna do Jury, sómente aquelles typos que todos conhecem — por serem unicos viraram classicos — de animos exaltados, olhos esbugalhados, cabelleira em signal de alarma, chorando como crocodylos quando as circunstancias exigem, e, outras vezes, troando com seu vozeirão rouco de meter panico no auditorio, sómente esses levam a certeza de uma absolvição.

Interessantes e irrisorios são os subsidios com que se firmam para a defeza. Citam artigos de que os codigos não cogitam, apontam obras que nos medalhões do crime jamais lhes passaram pela idéa, arranjam de toda a maneira um geito para sapecar uma comparação de valor litterario e fundo de um sentimentalismo doentio. E não é só. A sua defeza assenta, sobretudo, nos gestos affectados em que se especializam e na maneira mais ridicula de commover o auditorio.

N especie, não são muitos. Três ou quatro tomam conta de um fóro. Qualquer crime que produza effeitos para a élite social, cáe-lhe sempre nas mãos e com um certo fundamento.

Quem vae deixar o certo pelo duvidoso?

É assim, penso eu, já que o crime perdeu o direito de enquadrar-se naquelle sector scientifico, onde, de origem, foi disciplinado, que vá, com mais precisão de logica, formar na esphera da declamação cuja arte, já de muito, adquiriu os seus fóros.

Afinal o Direito, como nossas Escolas querem e as sociedades actuaes o comprehendem, só pode ser mesmo embromação! "Um termo meramente denominativo".

ELECTRICIDADE EM GERAL

Carlos Garcia & Cia.

Engenheiros Electricistas

Instalações electricas industriaes, commerciaes, e domiciliares.

TELE { PHONE 6511
GRAMMAS "NEGEN"

RECIFE
PERNAMBUCO
BRASIL

G. K. CHESTERTON

Willy Lewin

Si não me falha a memoria, li em alguma parte ter sido de versos os primeiros livros publicados por Gilbert Keit Chesterton, recentemente morto. Não os conheço. O que conheço são varios livros de poesia escriptos por este inglez obeso de corpo e agil de espirito. Poesia os seus romances; poesia as suas chronicas semanais para o "Illustrated London News"; poesia os seus ensaios distributistas; poesia as suas interminaveis polemicas com Shaw, Wells e outros "hereticos"; poesia as suas novellas policiaes do "Father Brown"; poesia o seu immenso "Orthodoxy". Diz-se que a propria vida quotidiana de Chesterton foi uma vida de poeta. Sahia de casa, supponhamos, para comprar charutos na esquina ou beber um "bock" gelado no bar mais proximo. De repente, á vista de um comboio ou de um omnibus qualquer, tomava passagem, sem mesmo procurar saber o itinerario do vehiculo, deixando ao acaso a missão de conduzi-lo a uma possivel paisagem ainda desconhecida dos verdes campos de Inglaterra, pouco lhe importando a hypothese de poder durar a viagem algumas horas ou varios dias.

Alás, o seguinte trecho do "The outline sanity", justifica taes lendas; ao mesmo tempo que defende a these anti-mecanicista de que as machinas podem ter um consideravel valor no sentido de exterminar tudo quanto ellas actualmente representam.

Convertido ao catholicismo em 1922, creio, Chesterton é no mundo um dos raros exemplos de escriptor em quem a adhesão plena ás verdades da Igreja quasi nada modificou o sentido de sua obra. Isso porque, segundo confissão propria, elle sempre foi um catholico sem o saber.

"I did try to found a heresy of my own; and when I had put the last touches to it, I discovered that it was orthodoxy". ("Orthodoxy", p. 17).

Polemista, argumentador infatigavel, Chesterton jamais se esqueceu de que as maiores verdades po-

dem e devem ser procuradas na atmosphaera magica da poesia. Dahi o seu carinho pelo "fairyländ". Dahi phrases como esta: "No condado de... como em todas as grandes e boas cousas humanas, a legenda tinha mais importancia do que a historia". Ou como estas ainda: "O facto de uma maçã madura cahir da arvore, a um choque qualquer, assemelha-se para mim ao facto de uma abobora se transformar na carruagem da gata borralheira, ao toque da varinha de condão. Gosto de explicar estes dois phenomenos por uma palavra: magia".

Por outro lado, que profunda alliança soube Chesterton realizar entre o o "maravilhoso" e o "humano". Ninguém como elle apprehendeu o solemne sentido destes grandes paradoxos do catholicismo: a conciliação entre a castidade e o matrimonio constituido sacramento; Jesus Christo escolhendo para estabelecer a base, a pedra da sua Igreja na terra, não o "brilhante" e o "forte" Paulo, segundo as proprias expressões de Chesterton, (vide "Heretics"), mas o ignorante, o medroso, humanissimo Pedro. Porque Chesterton bem o sabe: todas as grandes cousas terão de nascer do homem. O homem: esta fragil e immensa creatura; "este antigo e respeitavel bebedor de cerveja".

Em Chesterton, pois, o que encontramos acima de tudo é uma admiravel alliança entre o "maravilhoso" e o "concreto". Ou por outras palavras: é o equilibrio perfeito entre os imponderaveis e os mysteriosos valores da Poesia e os claros e solidos valores da intelligencia.

"If possessing a Ford car — diz Chesterton — means rejoicing in a field of corn or clover, in a fresh landscape and a free atmosphere, it may be the beginning of many things. It may be, for instance, the end of the car and the beginning of the cottage. Thus we might almost say that the final triumph of Mr. Ford is not when man gets into the car, but when he enthusiastically falls out the car. It is when he finds somewhere, in remote and rural corners that he could not normally have reached, that perfect poise and combination of hedge and tree and meadow in the presence of which any modern machine seems suddenly to look an absurdity; yes, even an antiquated absurdity".

Para Chesterton, os paradoxos não eram como para Wilde um fim. Constituiam um meio de chegar ás mais profundas verdades. Verdades tanto mais profundas quanto cercadas de uma vaga atmosphaera de poesia, suggerindo não só a demonstração immediatamente visada, como innumeradas outras verdades paralelas.

Aliás, Chesterton que por um lado tanto gostava de esmiuçar detalhes, confessando mesmo que para tratar de um determinado assumpto era-lhe absolutamente necessario abordar muitos outros, na apparencia distantes, em dados momentos, com uma simples phrase logo interrompida de reticencias, suggeria um mundo de theses. Assim por exemplo, alludindo aos que defendem o nudismo sob o pretexto de que basta ser elle natural para ser bello, pergunta o "laughing philosopher": Acharão estes nudistas que o hyppopotamo é bello? No entanto, nada mais natural. E logo em seguida, declara: Ao exemplificar com o hyppopotamo, estou usando um argumento que servirá apenas para a mentalidade delles. Quanto a mim, confesso achar o hyppopotamo bello. E esta noção encontra-se no meu espirito ligada a uma outra sobre a profunda beleza dos monstros de pedra que ornaram as cathedraes da Idade Média.

L I V R A R I A E
PAPELARIA IMPERATRIZ
 Berenstein Irmãos
 COMPLETO SORTIMENTO EM
 LIVROS E ARTIGOS PARA ES-
 CRITORIO, LIVROS E ARTIGOS
 ESCOLARES
 Telephone nº. 2383
 Novidades em
 Literatura, Medicina e Direito.
 RUA DA IMPERATRIZ, 17
 -x- Recife -x-

UM CONCEITO DE SENSO PRÁTICO

ANNIBAL RODRIGUES

E' incontestavelmente uma das definições mais acatadas, no paiz, do vocabulo patria, a do grande jurisconsulto Ruy Barbosa. Definindo-a em um dos seus discursos, assim se exprimiu: "Não é somente a terra em que nascemos, mas a communhão de raça, lingua, costumes e tradição de um povo".

A nenhum paiz se applicará com mais accerto do que ao nosso, esta noção de patria emitida pelo jurisconsulto brasileiro. Lembrando em sua definição que não é somente a terra em que nascemos, elle quiz afastar deste conceito unilateral e mesquinho, irradiado do norte ao sul do paiz, de que a patria não é só o solo que nos coube por sorte para o nascimento.

Esta falsa noção de patria se acha de tal maneira ligada ás convicções do nosso povo, que Ruy se viu forçado a quasi negar tal affirmativa. E si a negasse, creio que faria com uma certa razão; pelo menos, traria em consequencia o desaparecimento completo de rixas, muito communs no nosso meio, fomentadoras de discussões triviaes, por vezes nocivas á evolução social e ao sentimento de nacionalidade, rixas estas oriundas dessas questões de bairrismo, que é bem o attestado do numero augmentado das cifras que representam a enorme massa de analfabetos que habitam o Brasil.

As grandes nações civilisadas como a Allemanha e outras, adoptam o criterio da raça para a noção de patria. As fronteiras desses paizes de civilização avançada, não têm a fixidez intangível do rusguento grupo das pequenas nações sul-americanas.

O Allemao reconhece o patriotismo através do sangue que lhe corre nas veias, quer elle tenha nascido na Prussia ou em qualquer outra parte do mundo. Este criterio, porém, não pode ser adoptado no Brasil, dado o caldeamento da nossa raça. A nossa geração, não é mais do que uma seriação de productos híbridos os mais desastrosos. Pelo cruzamento das três raças de origem formando os diferentes tipos — mameluco (branco com indio), o cafuso — (negro com o indio), o mulato (branco com o negro), e as misturadas sobrevindas do entrelaçamento delles formando tipos isoticos como sejam — o rosálgar, o cabra, o taioca, etc. — difficil se torna classificar o specimen tipicamente brasileiro.

Na opinião de um grande so-

ciologo, a nacionalidade é o resultado das três condições seguintes: a physica — o habitat ou o meio physico, — a biologica — a raça, — e a psychica — social — religião, lingua, costumes e tradição.

Condições estas, que apezar de natureza diversa, intimamente se interdependem determinando entre os povos, não só caracteres semelhantes que os approximam, como igualmente estabelecem entre elles caracteres differentes, proprios a cada um de per si, e que vem a ser a sua nacionalidade.

Vejamos estas condições:

O meio physico que Ruy na sua definição denominou "a terra em que nascemos".

Este factor representa para mim questão secundaria. Porém, não posso deixar de admitti-lo, sinão iria contrariar a uma affirmativa minha quando, mais tarde, tiver de mostrar a influencia da tradição e dos costumes no sentimento de nacionalidade. Mas, não deixo de reconhecer argumentos que o annullam, que dizem de sua inefficiencia em face do problema.

Cito um exemplo que é argumento tranchant para a solução do caso:

Um individuo que tem o sangue brasileiro, a familia, os costumes, a religião do Brasil, e porque casualmente nascem no Uruguay ou em qualquer paiz, não é brasileiro? Si isso passou despercebido a Ruy, uma imaginação avisada não deixa de apontar o erro que lhe parece a primeira vista bem patente.

A lingua fazendo parte das condições psycho-sociaes, não é todavia condição sine qua non á nacionalidade. Um povo, ou mesmo um cidadão, pode falar mais de uma lingua sem perder por isso a sua nacionalidade.

O Hespanhol, por exemplo, falla o castelhano, o catalão, o basco e o gallego, no entanto, o castelhano é um typo nacional definido. Usa costelhetas e bigodes aerodynamicos.

O Judeu deixa de fallar o hebraico para fallar o idioma do paiz onde nasceu.

Mas, não deixa elle de ser judeu, interessando-se pela sua raça, formando verdadeiros kystos no seio da sociedade onde vive.

Por essas razões e por outras mais, podemos concluir que "um idioma que morre, não leva consigo o character nacional do povo que o falou".

Parêce-nos que com essas considerações, eu, por mim mesmo, estou destruindo a minha these, sustentada a principio; mas não. Para isto, seria preciso que eapreciasse os factores isoladamente, o que condemnno preliminarmente.

Devo encara-los conjuntamente, obedecendo em tudo a um relativismo que deve existir entre elles.

Para mim, raça não traduz patria. A raça é apenas um dos factores em que se torna preciso manter uma interdependencia com os outros para exprimir nacionalidade.

Referindo-me ao factor religião, é preciso notar que as pessoas filiadas á religião catholica, ou a qualquer outra, não deixam por este facto de ser brasileiras, porquanto, sendo o catholicismo, um credo universalista, não é possível admiti-lo como base ao sentimento de nacionalidade. Não podendo deixar de reconhecer porém, a influencia que o phenomeno religioso exerce como vinculo no sentido da estabilidade social.

"Na historia das sociedades, a religião dá origem a cultos que tomam uma feição especificamente nacional, criando-lhe um character eminentemente nacional".

Haja visto o Japão em que o Estado leigo se acha fortemente ligado ao estado religioso. Nesses paizes, nota-se a influencia dominadora do Estado sobre o individuo, obtendo destes os maiores sacrificios emanados de uma espontaneidade puramente civica. Predomina no typo nipponico um accentuado sentimento de patriotismo elevado a um ponto tal que ha quem diga ser uma obsessão, ou mesmo um atrazo de raça. Para servir a patria o japonês não mede sacrificio. Despreza a honra e a dignidade que é o que mais estima na vida. Quando, porém, a patria chega ao ponto de exigir delle a sua honra, dá-la-á sem vacillos, acompanhada sempre de sua vida num suicidio legal e patriótico.

Já na China não acontece o mesmo apezar da raça ser a mesma. É que a China é um paiz desorganizado, onde não se respeitam as tradições, onde o factor estrangeiro, o "Cosmopolitismo" predomina sobre os costumes da terra.

A tradição não é mais do que a historia de um povo. "Uma estratificação de estados emoti-

vos e intellectuaes de onde emerge, através de gerações successivas, a sua alma nacional, a refletir-se na physionomia de seus deuses e heroes, dos seus monumentos, artisticos, etc". E' tambem a historia dos nossos costumes e nella é que reside o elemento estavel da nacionalidade. Sem tradição não se pode conceber vida nacional.

No Brasil — é lamentavel — esse factor soffre influencias em algumas regiões do sul. A rigor, não ha motivos para que se não se respeite a nossa tradição. O nosso passado não é tão obscuro. Legou ao presente nomes veneraveis de vultos que souberam honrar a nação quando delles, ella precisou. E porque a idéa de separatismo tão em evidencia em alguns Estados do Sul? Em São Paulo, sente-se bem a volupia do regionalismo que empolga muitos outros sentimentos.

Escretores paulistas, num prurido de accentuado valôr civico, fazem resaltar as vantagens que São Paulo tiraria desanexando-se do territorio brasileiro.

Amadeu Amaral chegou a dizer que São Paulo se acha avançado duzentos annos do Brasil. Guilherme de Almeida, não menos petulante, numa comparação que reflecte bem as suas idéas de separatismo, disse: "São Paulo é um oasis no meio desse deserto immenso que é o Brasil." E finalizando o coro de emphases, houve quem gritasse: "São Paulo é uma locomotiva puxando vinte vagões vasillos."

No Paraná, impera um prussianismo regional. No Rio Grande do Sul a influencia da fronteira modificou sensivelmente o costume da terra. Transformou a physionomia da raça.

Só no Norte respira-se um pouco mais de brasilidade. Somos atrasados, mas ainda somos brasileiros com a noção nitida de patria, que não é somente o solo que nos serviu de berço.

Concluindo tenho que dizer: o dr. Ruy Barbosa teve razões sobejas em não querer imitar a theoria prussiana. Acredito que na sua definição de patria, teve a intensão de retirar a expressão "a terra em que nascemos", mas razões de ordem pratica impediram-no de tanto.

E assim, temos de nos conformar com a noção falsa de que patria é a terra de nossos berços, porque admitindo outra, iriamos reduzir a nossa população talvez a mais da metade.

A Psicanálise nos Domínios da Psicologia

Elijah J. von Sohsten

Antes de penetrarmos no âmago do tema não será extemporâneo que façamos algumas considerações acerca da conta em que se tem a Psicanálise.

Numa terra em que os tabús duma religião arbitraria ainda entravam o progresso intelectual de seus habitantes pretendendo ser-lhes a directriz moral não é para admirar que a Psicanálise tivesse sofrido e ainda hoje sofra a mais injusta das oposições.

Perseguem-na mesmo, cognominando-a de "ciência da imoralidade" só porque estuda de perto a questão sexual e de facto encontra aí o **movel da maior parte** de nossas ações e atitudes.

Que culpa têm os homens que seja a sexualidade o instinto de vida?

A culpa lhes cabe, no entanto, de o terem transformado em tabú sob pretexto de precisarem d'ua moral.

E que moral ridícula e incoerente, esta, que, contrariando todos os ditames do bom-senso, manda que se crie o individuo na absurda ignorancia dum instinto que é a razão de ser de sua propria existencia?

Nós, necessitamos, positivamente, duma reforma radical nesses acanhados principios moralistas por que nos orientamos ainda hoje.

U'a moral que impede a melhoria do character é indesejavel e precisa de ser substituida; carece de lógica e não deve ser praticada.

A sexualidade que a psicanálise expõe a nossa apreciação não é genitalidade; é sexualidade pura, sem fixação da libido e que outra coisa não visa sinão, conservando o individuo, perpetuar a espécie a que elle pertence.

E 'uma fôrça instintiva que deve ser guiada através de suas diversas fases de evolução para que se não desequilibre e venha em consequência acarretar obstaculos á bôa formação da personalidade.

Mas este trabalho de orientação jamais poderá ser efetuado sem que se renovam as dificuldades que a inciencia de muitos representa.

Ainda há, infelizmente, homens de cultura que sentem pejo ao ouvir a palavra — Psicanálise — como igualmente elles corariam si se soubessem perante um advinho que lhes desnudasse publicamente a individualidade...

E 'mister que digamos portanto, que a psicanálise baseada em verdade inatacavel não pôde ser uma ciência de fancaria; é uma ciencia de facto.

Ela tem invadido os multiplos sectores do conhecimento humano e lançado muita luz benefica sobre as inumeraveis conquistas do saber.

Mencionemos por agora sua incursão pela psicologia.

Seja, para exemplo, o fenómeno das percepções. Este geralmente, para facilidade de compreensão de seu mecanismo, se divide em três partes: 1.^a Um processo de análise do objecto estímulo para que se realize a abstração.

2.^a O rapido periodo de evocações que se segue á idéa abstraída.

3.^a O momento de interpretação; isto é quando para percebermos temos de julgar a idéa conforme com o objecto que ela representa.

Ora, a psicologia mostra-nos que nessa terceira fase é que podem ocorrer as ilusões as quais ella explica, apenas como sendo a consequencia da interpretação erronea que se fez o que equivale dizer: incapacidade de obter-se um juizo veridico.

Mas por que essa incapacidade? Por que essa má interpretação?

Não pôde responder-nos a psicologia. Ella desconhece o interior do inconciente e porisso ignora por completo o que lá dentro se trama para burlar a consciencia.

A psicanálise nos dirá, então, depois de pesquisar a inconciente individual que havia ali um sentido oculto, um desejo insatisfeito que ludibriava a razão para poder gosar do mesmo privilegio de estar na consciencia.

Folheemos a psicologia e paremos, agora, no capitulo das **funções mentais proprias**.

Depois de ter explicado largamente como se produz a consciencia duma idéa e após a de sua forma isto é a consciencia grafica da palavra escrita que a representa a psicologia conclue que em vista do exposto não se pôde admitir que uma pessoa vendo a palavra "torre", por exemplo pronuncie a palavra "morte" ou outra qualquer. E quando isto acontece, como já se tem verificado, continúa ella só um **descuido lamentavel** o explica.

Com esta parca justificativa prova-se o insufficiente da psicologia. O descuido ou a desatenção não explica tudo porque isso é falta que tambem tem sua explicação.

O estudo dos lapsos, dos actos falhados é o que ha de mais interessante em psicanálise pois aí vamos encontrar a razão de muita coisa obstrusa que dizemos ou praticamos.

Não nos demoremos, porém, em explicar, psicanaliticamente o que produz a falta de atenção ou outro lapso qualquer. Não pretendemos ministrar lições de psicanálise, mas unicamente, pafazer resaltar sua incontestavel relevancia em face das outras ciencias.

Passemos a focalizar a memória. Não nos interessa de perto seu mecanismo; relanceemos a vista, entretanto sobre o capitulo que com ella se relaciona: o **esquecimento**. A psicologia na tentativa de explicá-lo só se referia a odesinteresse por parte do individuo em que elle se manifestava ou a uma debilidade constitucional que afetasse as celulas retentoras.

Não se conforma com isto, todavia, a psicanálise que dando o maximo de importancia á carga afetiva e egoista do inconciente, neste facto encontra as verdadeiras explicações para os falecimentos quotidianos da memória.

O proprio Freud num estudo incomum de auto-análise confessa-nos que muito contrariamente aos seus habitos de profissional cuidadoso esquecia-se varias vezes de visitar um doente.

A razão disto encontrou-a elle quando se lembrou de que, não sabe por que-labias, este paciente, sem o necessitar, tinha conseguido, gratuita, sua assistencia médica.

E como este muitos são os outros casos que por aí existem de esquecimentos inexplicaveis ou porque não se conhece a doutrina de Freud ou porque, como acontece á maioria, não se tem a coragem necessaria de ser-se sincero bastante para consigo mesmo e para com os outros a ponto de deixar que se exteriorize seu pecado ou seu egoismo...

Em seguida consideremos as associações de idéas. Na estrutura do encadeamento delas os individuos se traem por tantos modos que a psicanálise encontrou no método catartico um meio de rara eficiencia para atingir e extirpar os complexos que instabilizam o character enquanto a psicologia jamais enxergou falhas no processo associativo, tanto assim que dêle se vae para a elaboração de testes pedagogicos...

El afinal para pôrmos termo a esta parte de nosso ligeiro trabalho examinemos a introspecção.

A análise introspectiva, todos nós sabemos, é bem a base da psicologia. Introspecionando é que se inferem as leis psicológicas.

E ao passo que a psicologia se satisfaz com a introspecção como meio direto de observação, a psicanálise nos assegura com

2. CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO

Quando em Recife, de 11 a 15 de novembro de 1934, realizou-se no velho Teatro Santa Isabel o 1º. CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO, na sua ultima sessão ficou mais ou menos acertado que o 2º. Congresso teria lugar na Baía. A cidade de Salvador era naturalmente indicada não somente por ser a terra dos primeiros estudiosos do elemento afro-brasileiro como também pelas suas condições geograficas que vinham facilitar a reunião dos nucleos culturais do norte e do sul do país, acrescentando a circunstancia decisiva de ser a terra onde ainda se guardam melhor as tradições e os costumes africanos um campo vastissimo para o estudo e a pesquisa direta.

Agora nos vem de lá a grata noticia de que já se encontra em organização o 2º. CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO. Com o 1º. Congresso que reuniu escriptores, poetas, sociologos, cientistas e pintores de destaque navida cultural do país, os estudos iniciados por um Nina Rodrigues saíram da infancia e vão marchando para a maturidade em plena e exuberante juventude. Não é demais lembrar que no Congresso de Recife estiveram presentes ou mandaram trabalhos os srs. Gilberto Freyre, seu principal organisador, Jlysses Pernambuco, José Dias do Rêgo, Artur Rade Andrade, Cicero Dias, Olivio Montenegro, Valdemar Cavalcanti, como enviado especial da imprensa do Rio, Rodrigues de Carvalho, Otavio de Freitas, Odorico Tavares, Di Cavalcanti, Noemia, Renato Mendonça, Miguel Barros, representante da



Frente Negra Pelotense, Gonçalves Fernandes, Roquette Pinto, o preto Josino, o babalorixá Anselmo, José Valadores, secretario do Congresso, Jarbas Pernambucano, Luiz Jardim, Gonçalves de Melo Neto, e muitos outros nomes de que não nos recordamos agora.

No Congresso de Recife esses trabalhos foram discutidos num ambiente de franca camaradagem intelectual sem nenhum ranço de classicismo esteril ou de atitudes demagogicas. Esperamos que o 2º. Congresso se realize dentro do mesmo ambiente do 1º. e que venha a marcar mais um largo passo nos estudos afro-brasileiros. Para melhores informações e valendo por uma solidariedade a essa nobre iniciativa cultural transcrevemos abaixo trechos da carta circular do sr. Reginaldo Guimarães, secretario do Congresso em organização, está distribuindo com os intelectuaes do país inteiro:

Bahia, julho de 1936.

provas cabais que nos conhecermos unicamente através da consciencia é estarmos sujeitos ainda a muitos erros que só a analise do inconciente poderá fazer-nos perceber.

Nesta questão a psicanálise mostra-se duma valia incalculavel para o professor que antes de ingressar em suas classes deve psico-analiar-se para ter a certeza de que não vai transmitir a seus alunos lições falhadas por suas inibições complexionais.

E quantos alunos existem por este mundo, victimas lamentaveis dos traumatismos psiquicos de seus mestres?

Todo aquele que ensina tem a necessidade premente de saber evitar que os desequilibrios de seus psiquismo influenciem, prejudicialmente, a formação moral dos que se instruem e edu-

Caro sr.:

Venho, pela presente, lhe comunicar, que o 2º. Congresso Afro-Brasileiro deverá se realizar, nesta Cidade, de 15 a 20 de novembro proximo.

Este Congresso — que obedece á mesma orientação do primeiro, realizado no Recife em novembro de 1934, — tem por fim reunir estudos sobre a influencia do negro no desenvolvimento economico, cultural e politico do Brasil. O Congresso fará uma exposição de objectos dos cultos afro-brasileiros e outra de desenhos, pinturas e esculturas fixando aspectos caracteristicos da vida do negro no Brasil, reunindo trabalhos dos nossos melhores artistas, como Santa Rosa, Di Cavalcanti e Cicero Dias. O Congresso visitará os mais interessantes candomblés da Bahia e proporcionará oportunidades para demonstrações publicas de capoeira, de samba, etc. A parte propriamente technica do Congresso constará da leitura e discussão de trabalhos — enviados ao Congresso por especialista do país e do estrangeiro, entre os quaes podemos contar, desde agora, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, Edison Carneiro, Renato Mendonça, Jacques-Raymundo e Mario de Andrade, — sobre ethnographia, folk-lore, arte, anthropologia, historia, sociologia e psychologia social do afro-brasileiro e problemas de relações de raças no Brasil.

Sabendo que o sr. se interessa pelos assumptos afro-brasileiros, pedimos a sua valiosa collaboração, solicitando remette-la até o dia 1º. de novembro para o endereço abaixo.

Saudações fraternaes.

REGINALDO GUIMARÃES
secretario.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

REGINALDO GUIMARÃES

ASSOCIAÇÃO UNIVERSITARIA DA BAHIA

Rosario, 122 — 2º. Andar — Bahia

Lucio Cardoso — A LUZ NO SUB-SOLO — Ed.

Livraria José Olympio, Rio, 1936.

Pelo indice bio-biografico da "Nova literatura brasileira" a gente vem a saber que o sr. Lucio Cardoso completou vinte e tres anos a 13 deste mês. Ora um livro como "A luz no Sub-solo" escrito por um espirito mal saído da adolescencia indica que estamos diante de um verdadeiro romancista de qualidades que nos poderão dar muita coisa admiravel. Autor de dois romances fracos como "Maleita" e "Salgueiro" o sr. Lucio Cardoso iniciou agora uma serie com o titulo de "A luta contra a morte" aparecendo o primeiro com "A luz do sub-solo", um romance intenso e humano que o coloca, sem favor, entre os nossos melhores romancistas de hoje. Nele o sr. Lucio Cardoso nos surpreendeu.

cam sob os imperativos de sua autoridade.

Vamos fazer ponto final nesta sequência de exemplos que provaram o valor indiscutivel da psicanálise como amplificadora da psicologia.

Dr. Porto-Carrêro considera-a uma "psicologia profunda" e é facil accitar-se essa classificação pois que vemos como ela penetra as entranhas de todas as ciencias.

Quero referir-me a censura na accepção psicanalitica — uma inibição arbitraria que entrincheirada no inconciente age a serviço du'a moral bastarda.

Ilustre Universaritorio:

Pedimos-lhe notar que somos os unicos a oferecer-lhe uma grande oportunidade.

3 ROUPAS DE CASEMIRA PELO PREÇO DE UMA ou seja:

Roupa feita de Casemira	120\$000
Sob Medida mais	10\$000

Tem assim o estudante POR MENOS DO PREÇO DE UM FEITIO uma roupa de Casemira em linda padronagem, a escolher.

CASA TIC-TAC

RUA JOÃO PESSÔA, 270

FONE 6364

— RECIFE —

NEURATOL

TONICO DOS MUSCULOS, DO CEREBRO, DO CORAÇÃO E DOS NERVOS

MAGNIFICA COMPOSIÇÃO DE
KOLA, COCA, GUARANÁ,
CACÁO, ACIDO PHOSPHORICO,
E METHYLARSENICO DE SODIO

FABRICANTES E PROPRIETARIOS:

MARIANO LEMOS & Cia.

Laboratorios Reunidos de INDUSTRIA
PHARMACEUTICA

Rua da União, 557 -- RECIFE
PERNAMBUCO
PHONE 2560

IMPORTAÇÃO DIRECTA



A PRIMAVERA

378 - RUA JOÃO PESSÔA - 378

PHONE 6461

TELEGR. A PRIMAVERA

PERNAMBUCO

ALFREDO O. FERNANDES & CIA

Vendas a vista

Vendas a credito

